



**Lutas/artes marciais nos currículos de Educação Física Escolar e as
contribuições do judô para a formação humana**

Jônathas Faustino de Oliveira Rodrigues de Melo

Brasília - DF
2020



Jônathas Faustino de Oliveira Rodrigues de Melo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação Física como requisito básico para a Conclusão do Curso de Educação Física – Licenciatura, sob orientação da professora Jaciara de Oliveira Leite

Brasília, Outubro de 2020

Jônathas Faustino de Oliveira Rodrigues de Melo

Lutas/artes marciais nos currículos de Educação Física Escolar e as contribuições do judô para a formação humana

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Jaciara Oliveira Leite
FEF/UnB

Prof. Dr. Victor Lage
FEF/UnB

Prof. Dr. Jonatas Maia da Costa (suplente)
FEF/UnB

Brasília-DF, outubro de 2020

Dedico este trabalho a Patrícia Regina e Carlos Hindemburgo, que sempre me apoiaram e viveram juntos comigo os meus sonhos.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente, sempre, a Deus, por guiar meus caminhos e proporcionar saúde para encarar quaisquer que sejam os desafios.

Agradeço a Patrícia Regina e Carlos Hindemburgo por me ensinarem a ser o homem íntegro, honesto e gentil que hoje sou.

Agradeço ao meu sensei e professor de judô Rodrigo Palmeirão de Alvarenga, por ser o responsável pela minha formação como judoca e como um homem respeitoso, disciplinado e que sempre que cair, independente da situação, irá levantar.

Salmos 144 1:2 – Bendito seja o SENHOR, a minha Rocha, que treina as minhas mãos para a guerra e os meus dedos para a batalha. Ele é meu aliado fiel, a minha fortaleza, a minha torre de proteção e o meu libertador, é o meu escudo, aquele em que me refugio.

“Praticar judô é educar a mente a pensar com velocidade e exatidão, bem como o corpo obedecer com justeza. O corpo é uma arma cuja eficiência depende da precisão com que se usa a inteligência.”

JIGORO KANO

Resumo

O presente estudo teve como objetivo geral compreender como as lutas/artes marciais têm sido tratadas como conteúdo da Educação Física Escolar. E como objetivos específicos: a) identificar e analisar se e como as lutas/ artes marciais têm sido contempladas em currículos de Educação Física Escolar, em especial, os currículos em vigor em âmbito federal e da Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF); b) compreender os aspectos históricos e princípios filosóficos do judô e apontar possibilidades pedagógicas dessa luta/arte marcial para a Educação Física escolar. A pesquisa baseou-se em abordagem qualitativa e contou com os seguintes instrumentos: análise documental dos principais currículos da Educação Física em âmbito nacional e distrital, além da busca e estudo de livros e artigos científicos sobre currículo, Educação Física Escolar, Lutas e Artes Marciais. A Análise documental apontou que, com exceção dos Anos Finais do Ensino Fundamental, os documentos curriculares oficiais de Educação Física escolar ainda necessitam de contemplar as especificidades dos conteúdos e possibilidades pedagógicas do vasto tema lutas/artes marciais. A busca e estudo dos textos a respeito das lutas/artes marciais, além de minhas vivências como praticante e professor de judô, apontam para a riqueza de possibilidades pedagógicas das lutas/artes marciais no contexto da Educação Física Escolar, em especial, do judô a partir do ensino de suas técnicas, rituais, história e filosofia do judô.

Palavras- chave: Lutas; Artes Marciais; Judô; Educação Física Escolar; Currículo.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	9
2.CAPÍTULO 1- METODOLOGIA.....	12
3.CAPÍTULO 2 - REFLEXÕES INICIAIS SOBRE O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DAS LUTAS/ARTES MARCIAIS NA ESCOLA.....	15
4.CAPÍTULO 3 - LUTAS/ARTES MARCIAIS E ESCOLA:ELAS ESTÃO INSERIDAS EM CURRÍCULOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?	20
3.1 As lutas/artes marciais nos currículos nacionais de Educação Física Escolar.	21
3.1.1 As lutas/artes marciais nos PCNs.....	21
3.1.2 As lutas/artes marciais na BNCC.....	26
3.2 As lutas/artes marciais no Currículo em Movimento da SEEDF.....	32
3.3 As lutas/artes marciais nos 3 currículos analisados: limites e possibilidades...	40
5.CAPÍTULO 4 - O JUDÔ E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	43
4.1 Aspectos históricos e filosóficos do judô.....	46
4.2 O judô e suas possibilidades pedagógicas para Educação Física Escolar.....	52
4.2.1 Algumas possibilidades metodológicas para o processo de ensino-aprendizagem do judô na escola.....	61
6.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS.....	80

INTRODUÇÃO

Jigoro Kano foi o criador do judô, criou essa arte marcial para ajudar a formar cidadãos fortes fisicamente e mentalmente (VIRGÍLIO, 1994). Shinohara (1982) explica o significado que o criador do judô queria transmitir em sua arte marcial: "JU" que significa suavidade leva o seu praticante a entender que há formas de vencer sem utilizar toda sua força. A palavra "DO" significa caminho ou via, mas não é uma via ou caminho qualquer, esse é o caminho da sabedoria. Eu, como professor e praticante de judô até hoje, levo comigo e transmito tais saberes.

Na minha trajetória, meu *sensei*, que é como é chamado o professor de judô, buscou ensinar os princípios filosóficos dessa arte marcial e, como aluno, Ao iniciar a Faculdade de Educação Física na Universidade de Brasília (FEF/UnB) eu já tinha em mente que o judô ajudaria a compor minhas pesquisas e o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). No primeiro semestre, pesquisei e encontrei referências para seminários e trabalhos escritos. O judô é a arte marcial que pratico há mais de dez anos, hoje sou faixa preta e professor na Educação Infantil e anos iniciais e finais do Ensino Fundamental. Ser faixa preta de judô não é apenas saber lutar uma arte marcial, mas sim estudar, utilizar seus princípios na vida e passá-los adiante para os alunos de judô e para as pessoas de forma geral. eu os aplico na minha vida e isso mudou ela por completo, me tornando uma pessoa melhor. O judô me ensinou a suavidade que tenho hoje e devo muito isso ao meu *sensei* que nunca desistiu de ensinar seus saberes, entre os quais: honra, sabedoria, honestidade, respeito e tranquilidade.

Os conceitos "lutas" e "artes marciais" são amplamente difundidos. Considera-se importante, brevemente, apresentá-los. No texto do I Seminário Lutas e Artes Marciais dimensões educacionais e formação humana, organizado pelo Ministério do Esporte e publicado em 2018, um dos autores, Benedito Araújo, traz que ao tratar dos conhecimentos que compõe o currículo da Educação Física Escolar, o termo "lutas" pode ser compreendido como disputa de terras, as guerras, os impérios e pode-se entender que já haviam técnicas de luta na sociedade antiga. Já o termo "artes marciais" refere-se a: "um complexo de conhecimentos voltados para a guerra, podendo ou não consistir em Luta/Luta Corporal.

Como arte significa condição mais avançada da razão humana, aquilo que objetiva a criação, o novo, a vanguarda” (Araújo, 2018, p.15). Para o presente estudo, utilizarei a expressão "lutas/artes marciais" de modo a melhor abarcar os sentidos de cada um dos termos ligados à Educação Física Escolar , especialmente a ideia de que o ensino dos conteúdos das "lutas/artes marciais" na escola pode ir muito além das técnicas de luta corporal.

A partir das minhas vivências, estudos e reflexões, passei a me questionar: As lutas/artes marciais, com seus princípios filosóficos, podem ser um caminho para uma vida melhor? pode contribuir juntamente com as lutas/artes marciais, em especial o judô com o ambiente escolar? Diante dessas inquietações, a presente pesquisa apresenta como problema: As lutas/artes marciais tem sido contempladas no currículo da Educação Física Escolar? Quais as potencialidades do judô para formação humana e escolar?

Considero que tal tema é relevante tanto socialmente quanto academicamente. Socialmente, as artes marciais, como o judô, tem o potencial de contribuir para que as pessoas possam construir uma trajetória de vida que as ajude a saber cair e levantar, pois tendo os princípios filosóficos do judô como base para os aprendizados é possível que essa trajetória a ser seguida na vida seja mais suave (SHINOHARA,1982). A palavra suavidade se remete a uma vida com menos força e mais eficácia em qualquer que seja a situação.

O acesso aos conhecimentos da cultura corporal, em especial nas escolas públicas, precisa ser revisado. Muitas vezes, os estudantes passam parte significativa de sua vida escolar sem ter acesso a vários dos conhecimentos da cultura corporal previstos em diversos documentos orientadores dos currículos de Educação Física escolar em âmbito nacional, estadual e municipal/distrital.

Reflete-se que, no caso das lutas/artes marciais em especial, por vezes, o acesso fica restrito aos que podem pagar por ela e às escolas privadas que oferecem a modalidade no modo extracurricular. Além disso, no senso comum, quando nos remetemos a lutas/ artes marciais ainda é comum a vinculação com brigas e confusões. Essa vinculação e outras questões relativas à separação entre os gêneros, marcou historicamente a visão de que as lutas são para os meninos, excluindo as meninas dos aprendizados advindos desse vasto conhecimento, levando-as ao medo de se expor na aula e/ou a acharem que não têm habilidades suficientes para aprender (SO, MARTINS E BETTI, 2018). Tais formas de

exclusão limitam em muito o acesso a um conhecimento da cultura corporal que tem como pressupostos filosóficos, justamente, a formação de caráter e os ensinamentos sobre respeito e perseverança.

Academicamente, verificou-se que há pouca quantidade de estudos sobre as lutas/ artes marciais na Educação Física escolar o que demonstra que esse tema ainda carece de estudos e que ele pode ser bastante explorado no que se diz respeito ao ensino das lutas/ artes marciais e do judô na escola.

Diante do exposto, o objetivo geral deste estudo foi compreender como as lutas/artes marciais têm sido tratadas como conteúdo da Educação Física Escolar. E como objetivos específicos: a) identificar e analisar se e como as lutas/ artes marciais tem sido contempladas em currículos de Educação Física Escolar, em especial, os currículos em vigor em âmbito federal e da Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF); b) compreender os aspectos históricos e princípios filosóficos do judô e apontar possibilidades pedagógicas dessa luta/arte marcial para a Educação Física escolar.

Capítulo 1

METODOLOGIA

A escolha por realizar investigação relativa à Educação Física Escolar e às lutas/artes marciais explica-se pela riqueza e diversidade de dados em potencial. Não é algo fixo, com os pés presos ao chão, é algo mutável. Nesse sentido, a presente pesquisa baseia-se no método qualitativo. Sobre a pesquisa qualitativa:

O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos; inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos documentos. Citações são frequentemente usadas para subsidiar uma afirmação ou esclarecer um ponto de vista. (MENGA e MARLI, 1986, p.11 -12).

O instrumento de pesquisa utilizado, tendo em vista os objetivos propostos nesta investigação, foi a análise documental. Como o nome já diz, busquei me apropriar de documentos intencionalmente escolhidos, compreendendo que esses materiais são ricos em informações e podem se constituir em fontes importantes para obter conhecimento em determinado assunto.

Os autores abaixo destacam:

apresentam uma série de vantagens para o uso de documentos na pesquisa ou na avaliação educacional. Em primeiro lugar, destacam o fato de que os documentos constituem uma fonte estável e rica. Persistindo ao longo do tempo, os documentos podem ser consultados várias vezes e inclusive servir de base a diferentes estudos, o que dá mais estabilidade aos resultados obtidos (GUBA E LINCOLN, 1981 apud MENGA e MARLI 1986, p.39). Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte "natural" de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto (MENGA e MARLI 1986, p.39).

Os documentos tomados para a análise nesta investigação tratam-se de documentos oficiais que orientam os currículos da Educação Básica, em nível nacional e distrital. A leitura e análise teve como foco o componente curricular Educação Física, especialmente, os trechos que tratavam das lutas/artes marciais.

Sobre a escolha e tipos dos documentos, refletem Menga e Marli (1986, p. 40):

A primeira decisão nesse processo é a caracterização do tipo de documento que será usado ou selecionado. Será do tipo oficial (por exemplo, um decreto, um parecer), do tipo técnico (como um relatório, um planejamento, um livro-texto) ou do tipo pessoal (uma carta, um diário, uma autobiografia)? Envolverá informações de arquivos oficiais ou arquivos escolares? Ou ambos? Será um material instrucional (filme, livro, roteiro de programa) ou um trabalho escolar (caderno, prova, redação)? Incluirá um único tipo desses materiais ou uma combinação deles?

Tendo em vista os objetivos da pesquisa propostos, foram analisados os seguintes documentos:

- Âmbito Nacional: Base Nacional Comum Curricular (BNCC, edição 2017): Educação Infantil, Ensino Fundamental - anos iniciais e finais e Ensino Médio);
- Âmbito Nacional: Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, edição 1998): Ensino fundamental anos iniciais e finais e ensino médio);
- Âmbito Distrital: Currículo em Movimento da SEEDF (edição 2018 – Educação Infantil, Ensino Fundamental - anos iniciais e finais, Ensino médio e Educação de Jovens e Adultos).

A escolha pelos materiais se deu ao longo do trabalho, quando me deparei com estudos que criticavam certa falta de proposta sistematizada e não abordagem das lutas/artes marciais na escola. Passei, então, a me questionar se essa lacuna poderia estar associada ao o que estava ou não previsto nos currículos de Educação Física.

Para melhor compreensão e análise dos referidos documentos, busquei seguir uma linha de estudo com base na seguinte ordem:

1. Leitura da introdução e estrutura, afim de me apropriar dos conteúdos que o documento apresentaria de forma geral assim como de seus objetivos. Isso me permitiu entender a lógica interna e identificar como estava situada o tema "lutas/artes marciais" em cada uma das propostas;
2. Leitura da parte específica do componente curricular Educação Física e busca de palavras e frases que possibilitasse identificar a presença das lutas/artes marciais e que elementos eram contemplados acerca desse tema.

A análise de tais documentos será apresentada no capítulo 3. Além da análise documental, foi realizada uma busca e estudo de livros e artigos científicos sobre currículo, Educação Física Escolar, Lutas e Artes Marciais. Destaca-se, em especial, o estudo de textos clássicos sobre o judô, como de Kano, o criador do judô, Calleja e Brousse.

Capítulo 2

REFLEXÕES INICIAIS SOBRE O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DAS LUTAS/ARTES MARCIAIS NA ESCOLA

Este capítulo tem por objetivo apresentar reflexões iniciais sobre o processo de ensino e aprendizagem das lutas/artes marciais na escola, tendo em vista o potencial educativo e filosófico desse vasto conjunto de conhecimentos bem como possibilidade de enriquecimento cultural a partir das aulas de Educação Física.

As lutas/artes marciais constituem o rol de conhecimentos da cultura corporal com suas especificidades e sua história:

Basicamente, as lutas corporais devem ser ensinadas porque elas fazem parte da cultura corporal, ou seja, são práticas historicamente importantes e que acompanharam os seres humanos ao longo do tempo, sendo uma das mais elementares manifestações dessa cultura. (SOARES *et al* 1992, p. 38)

a perspectiva sobre a cultura corporal (...) busca desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas (RUFINO e DARIDO, 2012).

Ensinar lutas/artes marciais nas escolas necessita ser diferente do que é trabalhado nas academias, onde o treinamento e a busca por resultados costumam ser o principal objetivo. O professor na escola pode proporcionar com os conhecimentos das lutas/artes marciais algo novo aos estudantes. É fundamental que seja levada em conta a realidade social dos estudantes (OROZIMBO *et al*, 2008), pois muitos não têm acesso aos eventos televisivos e/ou não tiveram acesso ainda aos conhecimentos relativos às lutas/artes marciais, nesse caso, cabe ao componente curricular de Educação Física apresentar esses conteúdos que costumam ser negligenciados e que podem inspirar ou despertar no educando a vontade de praticar mais aquela luta/arte marcial.

Nas aulas, a competição poderá estar presente mesmo quando não for um dos objetivos iniciais, sendo assim, atividades que mostrem a importância da competição na divisão de pesos em uma luta podem, por exemplo, ajudar a tornar a disputa mais justa (LANÇANOVA, 2006). A competição tem um caráter excludente na maioria das suas

abordagens, no entanto, a diferenciação por pesos pode despertar o interesse do estudante pelo conteúdo. O cenário da divisão por pesos costuma estar relacionado com a competição (fora da escola), no entanto, em uma aula de Educação Física na escola os estudantes podem e devem experimentar fazer a aula de determinada luta/arte marcial com pessoas de pesos divergentes. Ter a percepção de fazer os exercícios com pessoas mais pesadas é uma oportunidade de experimentar imprimir menos força e pensar mais na eficácia da execução da técnica. Outro fator que é muito relevante na competição em si e que pode ser um aprendizado significativo na escola é a altura de cada um. Nas competições não é medida a altura, somente o peso, entretanto, na escola pode ser ensinado que a altura pode facilitar a execução de um golpe ou dificultar. Por exemplo: no judô, tem golpes que são melhores para pessoas mais altas e tem golpes que são melhores para pessoas mais baixas. Assim, para as aulas de Educação Física ensinar o por quê de existirem golpes que podem ser melhor utilizados com determinadas alturas pode ser um conteúdo muito enriquecedor.

O ambiente competitivo pode, muitas vezes, não agradar a todos pela vivência do ganhar e do perder, as aulas de Educação Física podem ser uma forma de mostrar ao estudante que ele pode buscar melhorar, aprimorando seus conhecimentos e refletindo sobre as questões que envolvem a competição. A competição não é o fim, mas pode ser um meio educativo e no caso do conteúdos das lutas/artes marciais ela se faz presente, especialmente, pela oposição entre duas pessoas.

A competição, em primeira instância, é um meio onde as lutas/ artes marciais revelam muitos talentos que até então na escola o professor não sabia. Não é necessário o estudante participar de um campeonato que lhe dê medalhas para ter essa experiência. O professor pode ensinar e orientar como será a aula de “competição” afim de mudar um pouco o rumo das aulas. Dependendo da luta/arte marcial escolhida, os estudantes poderão experimentar diversos ambientes e situações desse tema da cultura corporal.

O professor pode dividir os estudantes por pesos ou não dividir. Se ele optar por dividir os estudantes por categorias de peso estará realizando uma aula mais similar às competições que, além de ser uma aula rica em conhecimentos, pode-se também observar alguns talentos em potencial e contribuir para o fortalecimento das lutas/artes marciais de base.

O Brasil sempre foi um celeiro e um exemplo de grandes atletas de lutas/artes marciais, mesmo com os escassos investimentos públicos. Para exemplificar, o Brasil tem no judô duas campeãs olímpicas. Sarah Menezes, primeira mulher a conquistar uma medalha de ouro nos jogos olímpicos na modalidade de judô na Olimpíada de Londres. Rafaela Silva, primeira mulher a conquistar uma medalha de ouro em campeonatos mundiais de judô e foi medalhista de ouro também em olimpíadas. Foi ouro no Campeonato Mundial de Judô de 2013, realizado no Brasil e foi ouro nas Olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016. Elas, por meio das lutas/ artes marciais, conseguiram encontrar um meio de saber o que a perseverança e o esforço podem nos fazer sentir. Aprender a lidar com as derrotas, ter perseverança, se esforçar, e refletir sobre a situação que estamos inseridos, podem ser pontos importantes mostrados em aulas que envolvem as lutas/artes marciais. Além disso trago aqui uma reflexão que também pode ser discutida durante as aulas: por que há pouco investimento na Educação Física Escolar? E ainda mais especificamente nas lutas/artes marciais? Em um país com tantas desigualdades sociais vemos pessoas de diversas comunidades ascendendo na vida dentro do esporte, porém são expostos a diversas “peneiras” que selecionam os mais bem preparados. Assim, essas reflexões podem ser importantes a um nível que instigue os estudantes a formarem opiniões críticas referente ao investimento na educação do país onde vivem e das diversas desigualdades sociais.

As lutas, historicamente, são um conteúdo pouco abordado nas aulas de Educação Física. Rufino e Darido (2015) afirmam que tratar do ensino das lutas está sendo uma das maiores dificuldades dos professores. Por que há essa defasagem no ensino das lutas na escola?

Para os autores supracitados, apoiados em vários outros estudiosos do assunto, alguns fatores, apontados pelos professores de Educação Física, na escola para o não ensino de lutas/artes marciais na escola são: a falta de conhecimentos sobre esta manifestação da cultura corporal; a falta de conhecimentos sobre possíveis conteúdos das lutas e artes marciais em si, tais como o ensino dos golpes, filosofia, os combates e as competições. Portanto, a falta de conhecimentos parece implicar em preconceitos em relação ao ensino de lutas/artes marciais .

A raiz do preconceito, além do desconhecimento, pode estar ligada aos termos genéricos mais difundidos sobre as lutas/artes marciais, por exemplo, a ideia de risco à

integridade física quando um oponente tem que ser nocauteado e outro se machuca. Entretanto, na escola o ensino deve ter outros objetivos, afim de mostrar que há outros caminhos que as lutas/artes marciais podem proporcionar. Entre outros, tem-se o exemplo do judô, que tem um forte caráter educativo e uma filosofia que pode ser aplicada na vida do praticante com relação a respeito, formação de caráter e honestidade, assim, as lutas/artes marciais têm suas histórias, suas filosofias, técnicas e têm todos os significados que explicam o porquê de estar realizando tal ação. Não é somente deixar que os estudantes lutem, mas contemplar no processo de ensino-aprendizagem os princípios educativos que permeiam boa parte das lutas/artes marciais.

Na Educação Física escolar, as lutas/artes marciais assim como os demais componentes da cultura corporal se apresentam como possibilidades de conteúdos a passarem por processos de ensino-aprendizagem, o que exige trato pedagógico. A possibilidade de ensino-aprendizagem permite a progressão de conhecimentos (BRASIL, 2017). Essa progressão possibilita ao estudante e professor perceberem como é o ensino das lutas/artes marciais para, por exemplo, uma criança de 3 a 4 anos até o adolescente de 17 anos, incluindo, também os jovens e adultos, mostrando que o ensino não precisa ser ortodoxo com apenas o ensino das técnicas e nada mais.

As crianças, em especial, se conectam com a ludicidade, o que pode tornar a vivência algo divertido e prazeroso, porém, elas podem experimentar a frustração que também faz parte da vida de um ser humano. As filosofias de várias lutas/artes marciais salientam que a derrota não é significado para interromper algo, mas sim para continuar e tentar novamente.

Correia e Franchini (2009) afirmam a importância da ludicidade na luta/arte marcial para a formação escolar no âmbito da afetividade, pois o estudante conhece outras pessoas e convive com muitas culturas. No âmbito das habilidades motoras, por meio das atividades propostas, os estudantes se desafiam diariamente em atividades que muitas vezes não são realizadas no seu dia a dia. No âmbito cognitivo, o estudante pode experimentar diversas situações de desconforto como uma contenção no chão, que são chamadas de técnicas de *ossae komi waza* no judô. Ao ser contido no chão (imobilizado), o estudante aprenderá muitas vezes a utilizar o seu raciocínio e as técnicas ao invés de somente disputar forças com o outro colega.

Os princípios filosóficos podem também ser ensinados de modo que as crianças e adolescentes aprendam sobre respeito, honestidade, amor, amizade e sobre os valores sociais. Como afirmou Soares *et al* (2013) “E sempre de uma maneira pedagógica, com exemplos práticos e lógicos, de uma maneira simultânea”. O ensino das lutas na escola tem um potencial de gerar inquietação nos estudantes, de modo que possa gerar reflexão e desenvolvimento integral, especialmente, tratando-o a partir da perspectiva crítico-superadora (*Ibidem*).

Essa abordagem permite ao estudante uma compreensão mais crítica sobre a prática corporal que está realizando. É rico o estudante entender seja qual for o conteúdo de uma forma que ele entenda sua origem, os conflitos da época e atuais, questões de gênero, conflitos políticos e classe social, assim fazendo a leitura crítica dos dados da realidade (SOARES *et.al* 2013). O professor é responsável por realizar a mediação para contribuir com o desenvolvimento do senso crítico e por meio da sua intencionalidade pedagógica passar ao estudante algo além do esporte e do rendimento. Transmitir os conhecimentos de uma prática corporal, mais especificamente as lutas/artes marciais, que têm as suas histórias e suas filosofias e estas podem auxiliar o estudante na sua vida escolar.

Capítulo 3

LUTAS/ARTES MARCIAIS E ESCOLA: ELAS ESTÃO INSERIDAS EM CURRÍCULOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA?

Este capítulo busca compreender como as lutas/artes marciais tem sido ou não contempladas como conteúdo em currículos oficiais de Educação Física Escolar, analisando os principais documentos que regem a educação em nível nacional e distrital.

Segundo Arroyo (2013), o currículo é a principal ferramenta para os profissionais/educadores e os estudantes terem total conhecimento do que rege o meio deles com relação ao conteúdo oferecido, o que está por trás deste conteúdo e o que ele pode agregar na vida do estudante passando pela Educação Infantil, Ensino Fundamental, que é o segmento com maior duração, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA). O currículo é um documento que formaliza e normatiza o que a escola pretende proporcionar de experiências teórico-práticas para os estudantes em cada etapa e fase, assim, o currículo é a estrutura da escola.

Sobre o currículo da escola:

Na construção espacial do sistema escolar, o currículo é o núcleo e o espaço central mais estruturante da função da escola. Por causa disso, é o território mais cercado, mais normatizado. Mas também o mais politizado, inovado, ressignificado (ARROYO, 2013, p.13)

O ambiente para que esse currículo foi escrito é a escola e é nela que podemos identificar diversas culturas e experiências. Esse pilar que é o currículo não foi preparado para lidar com a diversidade e as formas de ver o mundo, tanto do estudante quanto do professor. Ele é um documento que apenas nos diz qual conteúdo é necessário lecionar e não soube lidar com as variáveis do campo educacional, ou seja: realidade social de cada estudante, individualidade com relação a experiências na vida estudantil e na Educação Física

Ainda segundo (ARROYO,2013, p.14),

A produção e apropriação do conhecimento sempre entrou nas disputas das relações sociais e políticas de dominação-subordinação. Em nossa formação histórica a apropriação-negação do conhecimento agiu e age como demarcação-reconhecimento ou segregação da diversidade de coletivos sociais, étnicos, raciais, de gênero, campo, periferias. Não apenas foi negado e dificultado seu acesso ao conhecimento produzido, mas foram despojados de seus conhecimentos, culturas, modo de pensar-se e de pensar o mundo e a história.

E no caso das lutas/artes marciais nos currículos oficiais escolares, esse vasto conjunto de conhecimentos tem sido contemplado para que possa ser apropriado ou negado?

3.1 As lutas/artes marciais nos currículos nacionais de Educação Física Escolar

As lutas/artes marciais estão previstas para serem ensinadas como conteúdo do componente curricular Educação Física em diferentes documentos curriculares nacionais o que demonstra sua relevância para formação humana do/a estudante.

3.1.1 As lutas/artes marciais nos PCNs

O primeiro currículo a ser analisado são os PCNs. Optei por analisá-lo primeiro por ele ser entre os documentos que irei discorrer o mais antigo e que certamente serviu de base por muito tempo aos professores nas escolas, e talvez ainda cumpra essa função. Este documento tem por objetivo orientar aos professores sobre os conhecimentos da Educação Física a serem desenvolvidos na escola.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Educação Física nos anos finais do ensino fundamental - PCNs (BRASIL, 1998, p. 30) definem que “É tarefa da Educação Física escolar, portanto, garantir o acesso dos alunos às práticas da cultura corporal, contribuir para a construção de um estilo pessoal de exercê-las e oferecer instrumentos para que sejam capazes de apreciá-las criticamente.

Os PCNs são organizados por etapas e fases da Educação Básica, com exceção da Educação Infantil e da Educação de Jovens e Adultos¹, quais sejam: Educação Infantil, Ensino Fundamental (Anos Iniciais e Finais) e Ensino Médio. A análise que se seguirá adiante tratará separadamente das referidas fases e etapas.

Os PCNs referentes ao Ensino Fundamental dos Anos Iniciais trazem como objetivo: “Nesse sentido, o propósito do Ministério da Educação e do Desporto, ao consolidar os Parâmetros, é apontar metas de qualidade que ajudem o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres PCNs" (BRASIL, 1997, p. 2) .

Referente aos conteúdos que devem ser abordados na Educação Física, esse documento traz:

Os conteúdos estão organizados em três blocos, que deverão ser desenvolvidos ao longo de todo o ensino fundamental, embora no presente documento sejam especificados apenas os conteúdos dos dois primeiros

ciclos. Essa organização tem a função de evidenciar quais são os objetos de ensino e aprendizagem que estão sendo priorizados, servindo como subsídio ao trabalho do professor, que deverá distribuir os conteúdos a serem trabalhados de maneira equilibrada e adequada. Assim, não se trata de uma estrutura estática ou inflexível, mas sim de uma forma de organizar o conjunto de conhecimentos abordado, segundo os diferentes enfoques que podem ser dados (BRASIL, 1997, p. 35)

Esses blocos são: “Esportes, jogos, lutas e ginásticas. Atividades rítmicas e expressivas. Conhecimentos sobre o corpo” (BRASIL, 1997, p. 35).

Apesar de constar o termo "lutas" no bloco “Esportes, jogos, lutas e ginásticas" dos PCNs (1997) do Ensino Fundamental dos Anos Iniciais não foram encontrados elementos que apontassem para o ensino de lutas/artes marciais na escola. com este conteúdo com relação às crianças? Havia incompreensões sobre o potencial formativo e as possibilidades pedagógicas deste conteúdo? São perguntas interessantes e que podem ser levadas em conta devido ao ano do documento e as poucas referências que se tinham sobre as lutas/artes marciais para essa faixa etária.

No Ensino Fundamental - Anos Finais os jogos de oposição, utilizados para que os estudantes reajam a uma força de um corpo estranho e tentem se opor a ela, apareceu como uma das fortes características do ensino das lutas. Os estudantes têm a experiência de testar sua força e de conhecer seu corpo quando é colocado em oposição à outro. Os jogos com regras também podem nortear as atividades de lutas, visto que em modalidades de combate há regras para serem seguidas (BRASIL, 1998).

Os PCNs referentes aos Anos Finais do Ensino Fundamental anos finais trazem como objetivo:

Os Parâmetros Curriculares Nacionais foram elaborados procurando, de um lado, respeitar diversidades regionais, culturais, políticas existentes no país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras. Com isso, pretende-se criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania (BRASIL, 1998, p. 5).

Referente aos conteúdos que devem ser abordados na Educação Física, esse documento aponta certas semelhanças com o documento referente Anos Iniciais:

Os conteúdos estão organizados em três blocos, que deverão ser desenvolvidos ao longo de todo o ensino fundamental. A distribuição e o desenvolvimento dos conteúdos estão relacionados com o projeto pedagógico de cada escola e a especificidade de cada grupo. Essa organização tem a função de evidenciar quais são os objetos de ensino e aprendizagem que estão sendo priorizados, servindo como subsídio ao trabalho do professor, que deverá distribuir os conteúdos a serem trabalhados de maneira equilibrada e adequada. Assim, não se trata de uma estrutura estática ou inflexível, mas sim de uma forma de organizar o conjunto de conhecimentos abordado, segundo os diferentes enfoques que podem ser dados (BRASIL, 1998, p. 67).

Os três blocos são os mesmos, quais sejam: “Esportes, jogos, lutas e ginásticas. Atividades rítmicas e expressivas. Conhecimentos sobre o corpo”. PCNs (BRASIL, 1998, p. 68)

Analisando o documento referente ao Ensino Fundamental - Anos Finais, pude observar certa preocupação. Conforme se observa no trecho abaixo:

As lutas são disputas em que o(s) oponente(s) deve(m) ser subjugado(s), com técnicas e estratégias de desequilíbrio, contusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa. Caracterizam-se por uma regulamentação específica a fim de punir atitudes de violência e de deslealdade. Podem ser citados como exemplos de lutas desde as brincadeiras de cabo-de-guerra e braço-de-ferro até as práticas mais complexas da capoeira, do judô e do caratê (BRASIL, 1998, p. 70).

Rufino (2012) indaga sobre a importância não somente dos aspectos técnicos, mas também de conteúdos da dimensão conceitual que abrangem as lutas/artes marciais. A construção histórica das lutas/artes marciais e a tradição que elas mantiveram durante todo esse tempo, visto que as mais antigas são datadas dos anos 1800. O ensino das regras de cada modalidade de luta/arte marcial. O ensino da higiene pessoal que é um aspecto importante na vida de um estudante. Assim, não é para excluir os aspectos técnicos que foram os mais enfatizados no documento analisado, mas sim ressignificar a prática de um modo que valorize todas as dimensões dela, seja ela dimensão conceitual, procedimental ou atitudinal, termos esses presentes nos próprios PCNs.

Os conteúdos conceituais e procedimentais mantêm uma grande proximidade, na medida em que o objeto central da cultura corporal de movimento gira em torno do fazer, do compreender e do sentir com o corpo. Incluem-se nessas categorias os próprios processos de aprendizagem, organização e avaliação. Os conteúdos atitudinais apresentam-se como objetos de ensino e aprendizagem, e apontam para a necessidade de o aluno vivenciá-los de modo concreto no cotidiano escolar, buscando minimizar a construção de valores e atitudes por meio do currículo oculto (BRASIL, 1998, p. 19)

a dimensão conceitual dos conteúdos é parte integrante do processo de ensino e aprendizagem, o que sugere que haja uma mudança na concepção

desta dimensão, ascendendo-a a condição de importância que ela deve ter durante o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Ela não é um 'anexo' que pode ou não ser abordado, ela é conteúdo e precisa ser abordado, ainda mais numa prática corporal complexa e plural como as lutas (RUFINO,2012, p.121)

Já os PCNs referentes ao Ensino Médio, apresentam como propósitos:

Estes Parâmetros cumprem o duplo papel de difundir os princípios da reforma curricular e orientar o professor, na busca de novas abordagens e metodologias. Ao distribuí-los, temos a certeza de contar com a capacidade de nossos mestres e com o seu empenho no aperfeiçoamento da prática educativa. Por isso, entendemos sua construção como um processo contínuo: não só desejamos que influenciem positivamente a prática do professor, como esperamos poder, com base nessa prática e no processo de aprendizagem dos alunos, revê-los e aperfeiçoá-los PCNs (BRASIL, 2000, p. 4).

Referente à Educação Física nesta etapa apresenta:

O presente documento não tem intenção de indicar um único caminho a ser seguido pelos profissionais, mas propor, de maneira objetiva, formas de atuação que proporcionarão o desenvolvimento da totalidade dos alunos e não só o dos mais habilidosos. Aproximar o aluno do Ensino Médio novamente à Educação Física, de forma lúdica, educativa e contributiva para o processo de aprofundamento dos conhecimentos, é o objetivo do que aqui será exposto (BRASIL, 2000, p. 33)

Os PCNs estão organizados em habilidades e competências:

Representação e comunicação - Demonstrar autonomia na elaboração de atividades corporais, assim como capacidade para discutir e modificar regras, reunindo elementos de várias manifestações de movimento e estabelecendo uma melhor utilização dos conhecimentos adquiridos sobre a cultura corporal (BRASIL,2000, p.45)

Investigação e compreensão - Compreender o funcionamento do organismo humano de forma a reconhecer e modificar as atividades corporais, valorizando-as como melhoria de suas aptidões físicas (BRASIL,2000, p.45)

Contextualização sócio - cultural – Compreender as diferentes manifestações da cultura corporal, reconhecendo e valorizando as diferenças de desempenho, linguagem e expressão (BRASIL,2000, p.45)

Para o Ensino Médio, no componente curricular Educação Física espera-se que as seguintes competências sejam desenvolvidas pelos estudantes:

Compreender o funcionamento do organismo humano, de forma a reconhecer e modificar as atividades corporais, valorizando-as como recurso para melhoria de suas aptidões físicas.

Desenvolver as noções conceituais de esforço, intensidade e frequência, aplicando-as em suas práticas corporais. Refletir sobre as informações específicas da cultura corporal, sendo capaz de discerni-las e reinterpretá-las em bases científicas, adotando uma postura autônoma na seleção de atividades e procedimentos para a manutenção ou aquisição da saúde.

Assumir uma postura ativa, na prática das atividades físicas, e consciente da importância delas na vida do cidadão. Compreender as diferentes manifestações da cultura corporal, reconhecendo e valorizando as diferenças de desempenho, linguagem e expressão.

Participar de atividades em grandes e pequenos grupos, compreendendo as diferenças individuais e procurando colaborar para que o grupo possa atingir os objetivos a que se propôs. Reconhecer na convivência e nas práticas pacíficas, maneiras eficazes de crescimento coletivo, dialogando, refletindo e adotando uma postura democrática sobre os diferentes pontos de vista postos em debate. Interessar-se pelo surgimento das múltiplas variações da atividade física, enquanto objeto de pesquisa, área de grande interesse social e mercado de trabalho promissor (BRASIL, 2000, p. 45)

Apesar das competências elencadas acima em que facilmente as lutas/artes marciais poderiam ser contempladas, ao analisar esse documento, não encontrei trechos que explicitassem de fato tais conhecimentos. Para Rufino (2012, p. 114): “Basicamente, deve-se ensinar as lutas porque elas fazem parte da cultura corporal, ou seja, são práticas historicamente importantes e que acompanharam os seres humanos ao longo do tempo, sendo uma das mais elementares manifestações dessa cultura”.

Os PCNs do Ensino Médio também preveem o ensino das "lutas" como manifestação da cultura corporal, porém, não estão descritas as características e/ou quais as lutas/artes marciais poderiam ser lecionadas. Destaca-se ainda que, embora o documento expresse que os estudantes devam “compreender as diferentes manifestações da cultura corporal”, as lutas/artes marciais não foram contempladas em sua riqueza de possibilidades de aprendizagem que podem proporcionar ao estudante em sua formação.

3.1.2 As lutas/artes marciais na BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o documento que norteia em âmbito nacional os conteúdos, habilidades e competências que os estudantes devem adquirir ao longo de cada etapa do ensino. Assim, a BNCC (BRASIL, 2017, p.7) é um "[...] documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica".

Ela está estruturada: “[...] de modo a explicitar as competências que devem ser desenvolvidas ao longo de toda a Educação Básica e em cada etapa da escolaridade, como expressão dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento de todos os estudantes” (BRASIL, 2017, p.23).

Para Tavares *et al* (2019, p. 193): “[...] a BNCC buscaria garantir o direito a todos os estudantes brasileiros ao acesso de conhecimentos essenciais produzidos culturalmente e necessários universalmente para a constituição de uma sociedade mais justa e humana”.

Além disso, é destacado no mesmo estudo posições desfavoráveis à BNCC:

interesses não puramente pedagógicos; prevalência de interesses privados dos empresários da educação; atendimento às exigências referentes aos organismos internacionais; desqualificação da ação docente; política de responsabilização dos professores; empobrecimento das aprendizagens ao se limitar aos domínios avaliáveis exigidos nas avaliações externas; controle dos conteúdos, dos objetivos e da formação docente (TAVARES *ET AL* 2019, p. 203 e 204)

Acerca da Educação Física escolar a BNCC diz:

A Educação Física é o componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo (BRASIL, 2017, p.483).

Optou-se por focar análise nos documentos do Ensino Fundamental e Médio, tendo em vista as especificidades da Educação Infantil. De todo modo, numa rápida consulta à BNCC da Educação Infantil, observou-se que não há menção, implícita ou explícita, a conhecimentos que poderiam se relacionar às lutas/artes marciais no currículo voltado para o trabalho pedagógico com as crianças dessa etapa da Educação Básica.

A BNCC assim apresenta o Ensino Fundamental:

O Ensino Fundamental, com nove anos de duração, é a etapa mais longa da Educação Básica, atendendo estudantes entre 6 e 14 anos. Há, portanto, crianças e adolescentes que, ao longo desse período, passam por uma série de mudanças relacionadas a aspectos físicos, cognitivos, afetivos, sociais, emocionais, entre outros. Essas mudanças impõem desafios à elaboração de currículos para essa etapa de escolarização, de modo a superar as rupturas que ocorrem na passagem não somente entre as etapas da Educação Básica, mas também entre as duas fases do Ensino Fundamental: Anos Iniciais e Anos Finais (BRASIL, 2017, p. 57 - 58).

Acerca da proposta para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental traz que:

ao valorizar as situações lúdicas de aprendizagem, aponta para a necessária articulação com as experiências vivenciadas na Educação Infantil. Tal articulação precisa prever tanto a progressiva sistematização dessas experiências quanto o desenvolvimento, pelos alunos, de novas formas de relação com o mundo, novas possibilidades de ler e formular hipóteses sobre os fenômenos, de testá-las, de refutá-las, de elaborar conclusões, em uma atitude ativa na construção de conhecimentos (BRASIL, 2017, p.57 - 58).

Para a Educação Física são indicados os seguintes conhecimentos: “Brincadeiras e jogos, esportes, ginásticas, danças, lutas e práticas corporais de aventura” (BRASIL, 2017, p.225) e são especificadas de acordo com cada ano. Para o 1º ano e 2º ano, estão previstos todos os conteúdos listados anteriormente, exceto as lutas e práticas corporais de aventura (BRASIL, 2017, p.227). Já do 3º ao 5º ano, estão excluídas as práticas corporais de aventura (BRASIL, 2017, p.228).

Como propósitos dos Anos Finais do Ensino Fundamental o documento prevê:

No Ensino Fundamental – Anos Finais, os estudantes se deparam com diversos docentes, o que torna mais complexas as interações e a sistemática de estudos. Ainda assim, os alunos nessa fase de escolarização têm maior capacidade de abstração e de acessar diferentes fontes de informação. Essas características permitem aos estudantes maior aprofundamento nos estudos das práticas corporais na escola (BRASIL,2017, p.231)

Para a Educação Física do Ensino Fundamental (Anos Finais) estão previstos os mesmos conhecimentos que dos Anos Iniciais: “Brincadeiras e jogos, esportes, ginásticas, danças, lutas e práticas corporais de aventura" (BRASIL, 2017, p.231).

Com relação às lutas/artes marciais, a BNCC no Ensino Fundamental Anos Iniciais e Finais explica que:

A unidade temática Lutas focaliza as disputas corporais, nas quais os participantes empregam técnicas, táticas e estratégias específicas para imobilizar, desequilibrar, atingir ou excluir o oponente de um determinado espaço, combinando ações de ataque e defesa dirigidas ao corpo do adversário. Dessa forma, além das lutas presentes no contexto comunitário e

regional, podem ser tratadas lutas brasileiras (capoeira, huka – huka, luta marajoara etc.), bem como lutas de diversos países do mundo (*judô, aikido, jiu – jitsu, muay thai, boxe, chinese boxing, esgrima, kendo* etc) (BRASIL, 2017, p.218).

Diante do exposto, sobre os conteúdos que podem ser contemplados na Educação Física no segmento do Ensino Fundamental, cabe analisar o que foi favorável e desfavorável para a organização curricular da Educação Física na Unidade Temática das lutas. O documento contemplou as lutas como conteúdo a ser lecionado somente a partir do 3º ano do Ensino Fundamental. Diante disso, apresentam-se os questionamentos: os autores desse documento consideram o conteúdo de lutas inadequado para as crianças nesta faixa etária? Quais os argumentos cabíveis para a não contemplação das lutas nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental?

À título de exemplo, tem-se o que indica a Confederação Brasileira de Judô que dispõe em seu site oficial de um regulamento de outorga de faixas. Nesse documento, a idade mínima para a primeira troca de faixa é aos 4 anos de idade.

Analisando do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental foi possível as seguintes características da unidade temática "lutas":

Experimentar, fruir e recriar diferentes lutas presentes no contexto comunitário e regional e lutas de matriz indígena e africana. Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas do contexto comunitário e regional e lutas de matriz indígena e africana experimentadas, respeitando o colega como oponente e as normas de segurança. Identificar as características das lutas do contexto comunitário e regional e lutas de matriz indígena e africana, reconhecendo as diferenças entre lutas e brigas e entre lutas e as demais práticas corporais (BRASIL, 2017, p.229).

Já para o 6º e 7º ano:

Experimentar, fruir e recriar diferentes lutas do Brasil, valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais. Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas do Brasil, respeitando o colega como oponente. Identificar as características (códigos, rituais, elementos técnico-táticos, indumentária, materiais, instalações, instituições) das lutas do Brasil. Problematizar preconceitos e estereótipos relacionados ao universo das lutas e demais práticas corporais, propondo alternativas para superá-los, com base na solidariedade, na justiça, na equidade e no respeito (BRASIL, 2017, p. 235).

E para o 8º e 9º ano:

Experimentar e fruir a execução dos movimentos pertencentes às lutas do mundo, adotando procedimentos de segurança e respeitando o oponente.

Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas experimentadas, reconhecendo as suas características técnico-táticas. Discutir as transformações históricas, o processo de esportivização e a midiaticização de uma ou mais lutas, valorizando e respeitando as culturas de origem (BRASIL,2017, p.239).

Diante dos dados apresentados é possível observar que as lutas/artes marciais estão inseridas, mais detalhadas e apresentando progressividade do 3º ao 9º ano. O documento traz consigo quais os temas das lutas/artes marciais que os estudantes e os professores vão experimentar, no entanto, faz-se necessária formação continuada para que os professores que não conhecem as lutas/artes marciais, nunca praticaram ou que têm pouca familiaridade possam vislumbrar possibilidades pedagógicas concretas sobre como seria o planejamento de um conjunto de aulas desta temática no contexto de um currículo de Educação Física Escolar.

Já na BNCC do Ensino Médio, as lutas/artes marciais não são tratadas em sua especificidade, apenas o termo "lutas" aparece citado ao lado de outros temas e aspectos da cultura corporal, conforme demonstra o trecho abaixo:

a Educação Física procurou garantir aos estudantes oportunidades de apreciação e produção de brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura. As práticas foram trabalhadas visando à compreensão de suas origens; dos modos de aprendê-las e ensiná-las; da veiculação de valores, condutas, emoções e dos modos de viver e perceber o mundo; da reflexão crítica sobre padrões de beleza, exercício, desempenho físico e saúde; das relações entre as mídias, o consumo e as práticas corporais; e da presença de preconceitos, estereótipos e marcas identitárias (BRASIL, 2017, p.483).

A análise dos currículos nacionais, PCNs e BNCC, apontam para ausência das lutas/artes marciais em determinadas etapas e fases da Educação Básica, isso ocorre na Educação Infantil e primeiros anos do Ensino Fundamental, no caso da BNCC, e no caso dos PCNs nos Anos Iniciais e Ensino Médio.

O conteúdo termo lutas/artes marciais é abordado em ambos os documentos referentes ao Ensino Fundamental Anos Finais e, no caso da BNCC, aparece também a partir do terceiro ano do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Porém, para os Anos Iniciais especificados e Ensino Médio, como já demonstrado nos dados, limitou-se apenas a uma menção ao termo "lutas" sem explicitar mais aspectos e conhecimentos que poderiam ser abordados.

Foi possível analisar que nos dois documentos as lutas/artes marciais foram contempladas na proposta para os Anos Finais do Ensino Fundamental. Fica a pergunta que os dados da presente pesquisa não são capazes de responder: Por que isso ocorreu?

É interessante que o ensino das lutas/artes marciais seja contemplado, pois faz parte da cultura corporal e é onde também pode ser trabalhado para além do movimento como nas outras manifestações da cultura corporal. No caso das lutas/artes marciais, por exemplo, poderiam ser estudados: a história de cada modalidade, indumentária dos praticantes/lutadores, violência, guerras locais, criação/fundação da luta/arte marcial, entre outros temas de muito valor crítico para os estudantes. De acordo com Walter Roberto Correia:

As Lutas Artes Marciais e Modalidades Esportivas de Combate (L/AM/MEC) compreendem um amplo e diversificado universo de manifestações antropológicas. A despeito de características comuns, que permitem ao senso comum identificação e reconhecimento, são as diferenças entre os componentes que lhe conferem encanto e notoriedade (BRASIL, 2018, p. 24).

a denominação Lutas por exemplo, se inscreve como conteúdo da escolarização por meio da Educação Física Escolar, e são pedagogizadas sob o formato dos 'jogos e brincadeiras de oposição'. Do ponto de vista da Educação Física, as L/AM/MEC são apropriadas pelo imperativo das noções de atividade física, esforço físico ou pedagogia do movimento do corpo humano. No caso do esporte, os Sistemas de Combate ou Artes Marciais devem se submeter aos códigos, normas, regras e sentido de eficácia da instituição esportiva, produzindo assim um impacto substancial na lógica e na condução dessas manifestações culturais. Se tomarmos os objetivos das instituições militares, a premência do combate e do conflito tende a enfatizar a busca pela eficiência técnica em cenários específicos de conflito. (BRASIL, 2018, p. 25)

Como observado, as lutas/artes marciais são submetidas à códigos, normas, regras. Complementando, as artes marciais se submetem aos princípios filosóficos, o que desde a criação foi importante para uma melhor disseminação, pois na filosofia é pautado o respeito, amor, honestidade.

As lutas televisionadas, regidas por organizações famosas, são as mais conhecidas. No UFC (*Ultimate Fighting Championship*) as lutas de combate abrangem o chamado MMA (*Mixed Martial Arts*). E como trabalhar pedagogicamente e de forma crítica esses elementos no currículo da educação física escolar?

É comum ler ou escutar que as lutas se resumem em brigas e confusões: [...] quando se fala em Luta no senso comum remete ao ato de brigar. Diversos fatores os diferenciam: podemos mencionar as regras, a organização, a hierarquização” (COSTA in BRASIL, 2018, p. 31). As lutas/artes marciais podem também ser consideradas no senso comum como somente um instrumento de combate e que vai ser utilizado muito mais em campeonatos ou na defesa pessoal. Estaria errado, por exemplo, considerar a defesa pessoal e os campeonatos como um conteúdo a ser lecionado? Não. É importante falar deles para enriquecer o currículo do estudante afim de esclarecer sobre estes conceitos, mostrar como são as técnicas de combate para defesa pessoal e mostrar como acontece uma competição e todos os fatores influenciadores que giram em torno da competição de lutas/artes marciais.

Assim, concorda-se com as afirmações de Costa que:

Como a Arte Marcial moderna não é apenas um instrumento de combate, ao contrário de um soldado que obedeça a ordens, o artista marcial deve incorporar um senso de justiça que lhe permita tomar decisões autônomas e, como um guerreiro, seguir seu coração (COSTA in BRASIL, 2018, p. 23)
Relacionado à Luta podemos questionar a possibilidade de reconhecimento e aceitação do perder, saber perder e reconhecer que o outro foi melhor, foi mais técnico, aproveitou melhor as oportunidades em determinado momento. É um comportamento louvável no universo da Lutas e Artes Marciais (COSTA in BRASIL, 2018, p.32 - 33)

Desse modo, é notório que é possível incluir, de fato, as lutas/ artes marciais no currículo da Educação Física, já que “luta é um assunto vivo, constante no contexto societal dialético, que se transforma e se ressignifica” (*Ibidem*, p.33).

Analisa-se que, apesar de trazer alguma menção sobre as lutas/ artes marciais, em especial nos Anos Finais do Ensino Fundamental, os currículos nacionais para a Educação Física Escolar estão incompletos, pois negligenciam alguns aspectos que dão identidade a esse vasto conjunto de conhecimentos, em especial: quando se diz respeito ao tratar as lutas como uma cultural corporal e não trazer o que há de melhor sobre a cultura das lutas/ artes marciais, como: filosofias, histórias, técnicas de luta, atividades lúdicas, ensino do respeito, organização, disciplina. Ainda assim, é importante reconhecer algum avanço nos documentos quando trazem elementos que expressam as especificidades das lutas/artes marciais, em especial na BNCC referente aos Anos Finais do Ensino Fundamental.

3.2 As lutas/artes marciais no Currículo em Movimento da SEEDF

Após analisar os documentos de âmbito nacional, passo agora a analisar o que a SEEDF (Secretaria de Educação do Distrito Federal), por meio do Currículo em Movimento², apresenta para o componente curricular Educação Física na Educação básica, em especial, o que concerne às lutas/artes marciais. O Currículo em Movimento da Educação Infantil apresenta como proposta:

aspectos que norteiam e subsidiam as instituições de educação coletiva para a primeira infância na elaboração, desenvolvimento e avaliação de suas Propostas Pedagógicas, com o objetivo de ofertar um atendimento educativo de qualidade aos bebês, às crianças bem pequenas e às crianças pequenas, alinhando-se às Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil – DCNEI e à Base Nacional Comum Curricular – BNCC, entre outros documentos legais (SEEDF, 2018, p. 9)

O Currículo em Movimento da Educação Infantil, acompanhando a organização da BNCC desta etapa, está organizado em "campos de experiência":

Considerando que, na Educação Infantil, as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças têm como eixos estruturantes as interações e a brincadeiras assegurando-lhes os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se, a organização curricular da Educação Infantil na BNCC está estruturada em cinco campos de experiências, no âmbito dos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural. (BRASIL, 2017, p.40)

Os campos de experiência da Educação infantil estão citados no referido documento da seguinte forma:

O eu, o outro e o nós. Corpo, gestos e movimentos. Traços, sons, cores e formas. Escuta, fala, pensamento e imaginação. Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações (BRASIL, 2017, p.25)

Os conteúdos propostos que podem ser mais diretamente relacionados à Educação Física aparecem especialmente no "campo de experiência": "corpo gestos e movimentos", conforme é possível perceber no trecho abaixo:

Esse campo de experiência propõe o trabalho voltado ao desenvolvimento corporal da criança que, ao se expressar, interage com o mundo desde cedo por meio de gestos e movimentos corporais, sejam eles dotados de intencionalidade ou de impulsos próprios da infância, bem como de

espontaneidade ou coordenação de movimentos, gestos e sentidos. A criança brinca e interage em diversas situações sociais e culturais as quais está exposta, estabelecendo relações que produzem conhecimentos sobre si e o outro e, progressivamente, tomando consciência de sua corporeidade. (SEEDF,2018, p.68)

Apesar de não haver qualquer menção específica ao conteúdo de lutas/artes marciais na Educação Infantil, analisa-se que o texto acima permite ao professor realizar interlocuções com vários temas da cultura corporal, entre os quais as lutas/artes marciais.

Já o documento que apresenta o Ensino Fundamental em seus Anos iniciais e Anos finais, traz que:

possibilitar as aprendizagens, a partir da democratização de saberes, em uma perspectiva de inclusão considerando os Eixos Transversais: Educação para a Diversidade, Cidadania e Educação em e para os Direitos Humanos, Educação para a Sustentabilidade; promover as aprendizagens mediadas pelo pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo e a formação de atitudes e valores, permitindo vivências de diversos letramentos; oportunizar a compreensão do ambiente natural e social, dos processos histórico geográficos, da diversidade étnico-cultural, do sistema político, da economia, da tecnologia, das artes e da cultura, dos direitos humanos e de princípios em que se fundamenta a sociedade brasileira, latino-americana e mundial; fortalecer vínculos da escola com a família, no sentido de proporcionar diálogos éticos e a corresponsabilização de papéis distintos, com vistas à garantia de acesso, permanência e formação integral dos estudantes; compreender o estudante como sujeito central do processo de ensino, capaz de atitudes éticas, críticas e reflexivas, comprometido com suas aprendizagens, na perspectiva do protagonismo estudantil (SEEDF,2018, p.9)

Com relação à Educação Física, o Currículo em Movimento apresenta os seguintes elementos:

A Educação Física é uma área do conhecimento que trata pedagogicamente de práticas e saberes relativos às manifestações corporais produzidas em diversos contextos sociais e históricos, constituindo, assim, a cultura corporal. As práticas que constituem a cultura corporal podem ser compreendidas como o conjunto de brincadeiras, danças, esportes, ginásticas, jogos, lutas e outras atividades relacionadas a práticas sociais que privilegiam o uso do corpo e do movimento humano, construídas e reconstruídas na dinâmica cultural humana (SEEDF,2018, p. 109).

Para os Anos Iniciais, os conteúdos propostos são: “Brincadeiras e jogos, esporte, ginásticas e lutas, danças e atividades rítmico- expressivas, conhecimentos sobre o corpo”, (SEEDF, 2018, p. 110).

No Currículo em Movimento (SEEDF, 2018, p. 117) - Anos Iniciais do Ensino Fundamental apareceram as seguintes menções às lutas/artes marciais nos enunciados abaixo:

“Experimentar e fruir, de forma individual e coletiva, diferentes atividades adaptadas relacionadas aos esportes, lutas e ginástica.”

“Participar de atividades adaptadas de esportes, lutas e ginásticas criando estratégias individuais e coletivas, prezando pelo protagonismo e trabalho coletivo.”

“Jogos pré-desportivos; atividades adaptadas de modalidades esportivas; jogos de combate; atividades adaptadas de lutas; ginástica geral (passos, corridas, saltos, giros, equilíbrios, ondas, poses, marcações e balanceamentos).”

“Jogos pré-desportivos; atividades adaptadas de modalidades esportivas; jogos de combate; atividades adaptadas de lutas; ginástica geral (equilíbrios, saltos, giros, rotações e acrobacias com e sem materiais).”

“Ampliar o repertório motor desenvolvendo habilidade motoras específicas relacionadas aos esportes, lutas e ginásticas.”

“Compreender os principais elementos dos jogos, esportes, lutas e ginástica, identificando as características que os constituem na contemporaneidade.”

“Jogos pré-desportivos; atividades adaptadas de modalidades esportivas; jogos de combate; atividades adaptadas de lutas; ginástica geral (passos, corridas, saltos, giros, equilíbrios, ondas, poses, marcações e balanceamentos).”

“Jogos pré-desportivos; esportes (marca, precisão, campo e taco, rede/parede e invasão); modalidades de luta; tipos de ginástica.”

Para os Anos Finais do Ensino Fundamental são: “Jogos, esportes, ginásticas, danças e atividades rítmico-expressivas, lutas, práticas corporais de aventura, conhecimento sobre o corpo” (SEEDF, 2018, p.111). No Currículo desta fase (SEEDF, 2018, p. 121 e 123) apareceram os seguintes enunciados relacionados às lutas/artes marciais:

“Conhecer as características e fundamentos básicos da capoeira como cultura corporal afro-brasileira.”

“Origem e desenvolvimento da capoeira no Brasil. Características gerais da capoeira (códigos, rituais, elementos técnico táticos, musicalidade e indumentária).”

“Compreender as características e fundamentos da capoeira relacionando com a história e cultura do Brasil.”

“Estilos de capoeira (angola e regional); movimentos básicos (ginga, golpe e esquivas) . Musicalidade (instrumentos musicais e ritmos) . Capoeira e manifestações relacionadas (maculelê, samba de roda etc.).”

“Identificar a diversidade das lutas espalhadas pelo mundo e vivenciar algumas manifestações reconhecendo suas principais características. Aspectos históricos e diversidade cultural das lutas no mundo.”

“Características gerais das lutas ocidentais (códigos, rituais, elementos técnico-táticos, indumentária, materiais e instalações).”

“Compreender os principais aspectos que caracterizam as artes marciais orientais, relacionando as com as transformações histórico-sociais relacionados às lutas.”

“Características gerais das artes marciais orientais (códigos, rituais, elementos técnico-táticos, indumentária, materiais e instalações) Aspectos históricos, esportivização e mediatização das lutas.”

É possível identificar termos que generalizam, mas não especificam, para qualificar as lutas/artes marciais, tais como: “mundo”, “geral”, “oriental”, “ocidentais”, falta assim ofertar aos professores opções mais palpáveis para que tenham a mínima ideia do que trabalhar e como trabalhar pedagogicamente com esse vasto patrimônio humano na escola.

A Educação Física proporciona para os estudantes diversas áreas de estudo teórico-prático e também diversas áreas para o professor lecionar e também aprender com os estudantes. Estar no ambiente escolar nos propicia conviver com hábitos culturais diferentes, formas diferentes

de realizar uma habilidade ou atividade proposta. A Educação Física obtém do artifício da ludicidade, criatividade, e pluralidade de atividades. Nesse sentido, conforme aponta o documento em análise:

O fundamental é permitir que a criança e o adolescente conheçam e vivenciem as práticas corporais, colaborando para que cada um construa seu estilo pessoal de participação e possa, a partir dessas práticas, ter consciência de seu corpo e de sua inserção social e ao mesmo tempo ampliar o próprio repertório motor. Na perspectiva da formação integral, a organização do trabalho pedagógico de Educação Física deve ainda buscar o equilíbrio entre objetivos e conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais, visando atender o desejado desenvolvimento integral do estudante (SEEDF,2018, p.112).

Dialogando com os conteúdos propostos para o Ensino Fundamental - Anos Iniciais e Finais em lutas/artes marciais, é possível afirmar que são as fases nas quais "lutas/artes marciais" são mais citadas como conteúdo programático. Porém, é necessário analisar o porquê das lutas/artes marciais nos Anos Iniciais estar muito vaga, visto que a palavra "luta" no referido currículo é incluída juntamente com ginástica e esportes e necessitaria de mais detalhamento para além dos termos encontrados "jogos de combate", "atividades adaptadas de lutas" e "modalidade de lutas". Analisa-se que isso pode gerar certa dificuldade do professor de Educação Física, especialmente para os que não tem experiência prévia com as lutas/artes marciais, em planejar, desenvolver e avaliar os conteúdos.

Ao analisar o conteúdo de lutas/artes marciais dos Anos Finais, é possível perceber que houve uma maior preocupação com essa fase do Ensino Fundamental. Nesse currículo, o conteúdo das lutas/artes marciais encontra-se especificado com seus conteúdos individuais relacionados somente com as lutas/artes marciais. No entanto, não posso deixar de indagar especificamente sobre o conteúdo de lutas do 6º ano. No documento há a capoeira como conteúdo programático. Por que nas demais séries não é especificada uma luta/arte marcial a ser trabalhada? Somente a partir do 6º ano é viável lecionar as lutas/artes marciais na Educação Física? Há esses questionamentos para fazer. As lutas/artes marciais compõe uma importante esfera da cultura corporal que muitas vezes é deixada de lado e o estudante, conseqüentemente, fica isento da experiência com esse pertinente conteúdo.

O Currículo em Movimento do Ensino Médio traz que:

a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal apresenta este Currículo de Educação Básica – Ensino Médio e convida professores e professoras a concretizá-lo de forma a possibilitar a formação da identidade político-pedagógica da escola pública de Ensino

Médio no DF, bem como a colaborar para que, em uma relação dialética, a partir do Currículo, produzamos conhecimentos nas escolas e que esses conhecimentos produzam cidadãos protagonistas e críticos (SEEDF, 2014, p.9).

Acerca do Ensino Médio, o Currículo em Movimento trata a Educação Física como integrante da área de Linguagens. Sobre a área de Linguagens, na Matriz Curricular Multi letramentos – Criatividade - Movimento o documento escreve:

Os conteúdos trabalhados nesta dimensão devem favorecer práticas sociais e culturais marcadas por diversas linguagens, mídias e tecnologias que constroem a dinâmica da contemporaneidade. Nesse sentido, é preciso considerar o papel que os gêneros textuais escritos, orais, visuais e multimodais desempenham nas esferas da vida cotidiana e dos contextos de uso artístico, musical, literário, jornalístico, publicitário, institucional, esportivo e de entretenimento. Além disso, os conteúdos desta dimensão devem submeter-se à convicção de que o movimento não se restringe ao corpo físico, mas que se expande para a relação entre ele, a natureza e a cultura, de modo dialético e recursivo, em articulação com as condições humanas de criatividade, inventividade e capacidade de gerar o novo (SEEDF, 2014, p.29).

Acerca dos conteúdos específicos da Educação Física no Ensino Médio no Currículo em Movimento, são apresentados os conteúdos em cada ano dessa etapa:

- 1º ano: “[...] modalidades esportivas: futebol, voleibol, basquetebol e handebol. Cultura corporal: o movimento como construção histórico social. Funcionamento do organismo humano: capacidades fisiológicas, motoras, psíquicas e afetivas.” (SEEDF, 2014, p.30)
- 2º ano:

Caminhadas e corridas: trabalho aeróbico e anaeróbico. Jogos Cooperativos. Aspectos fisiológicos, pedagógicos e socioculturais da capoeira. Cultura afro-brasileira e esporte. Avaliação física. Cooperação como prática social: jogos de integração. Concepção de mundo solidário. Cultura corporal: o movimento como construção histórico social. (SEEDF, 2014, p.30).
- 3º ano:

Ginástica de academia, jogos e os sistemas táticos das modalidades esportivas, esportes radicais e natureza, percepção da cultura juvenil e suas transformações nos séculos XX e XXI. Cultura corporal: o movimento como construção histórico social. Danças folclóricas e planejamento de eventos esportivos, estratégias de equipe, regras combinadas, integração pelas práticas, solução de problemas. Os jogos de salão no auxílio da cognição, raciocínio lógico e solução de problemas, esporte e arte. Cooperação como prática social: jogos de integração. Educação Física para pessoas com necessidades especiais e esportes adaptados (SEEDF, 2014, p.30).

No Currículo em Movimento do Ensino Médio há somente uma frase relativa às "lutas", no entanto, analisa-se que não contribui muito para um entendimento claro sobre as lutas/artes marciais e demais manifestações da cultura corporal no interior de um currículo de Educação

Física escolar: “Interpretação e expressão crítica relativa à atividade física por meio de jogos, dança, esporte, ginásticas e lutas” (SEEDF, 2014, p.41). Essa curta frase referente ao que se tem de explicação com relação às lutas/artes marciais para estudantes de Ensino Médio não representa e não valoriza a riqueza desses conhecimentos para a formação escolar e para a vida de maneira geral.

A cultura corporal é citada em todas os anos e características importantes deste conceito são citadas (aspectos biológicos, sociais, históricos...), porém, temas importantes da cultura corporal como as lutas/artes marciais não são contemplados em suas especificidades, não ficando muito esclarecido o quê, ou seja, quais conteúdos serão lecionados.

É notório saber que no Ensino Médio a maior preocupação na visão de muitos são as provas dos vestibulares, porém, as experiências e vivências dentro dessa etapa da Educação Básica são mais valiosas que notas, números, provas e outras formas de avaliação da educação tradicional. Assim, por que não são devidamente contempladas as lutas/artes marciais no Ensino Médio?

O Currículo em Movimento referente à Educação de Jovens e Adultos, descreve:

Quando tratamos de currículo, tanto a seleção de conteúdos e seus objetivos quanto a metodologia para seu desenvolvimento constituem uma posição política, pedagógica e social a ser adotada. Portanto, ao tratar o Currículo da EJA, constitui-se a dimensão de uma modalidade voltada para sujeitos da classe trabalhadora (SEEDF, 2014, p. 9).

Acerca dos conteúdos propostos para a Educação Física nessa modalidade no Currículo em Movimento, estão contemplados os seguintes objetivos para 1º, 2º, 3º e 4º etapa da EJA:

Valorizar a cultura corporal de movimento como parte do patrimônio cultural da comunidade, do grupo social e da nação; instrumento de expressão de afetos, sentimentos e emoções; possibilidade de obter satisfação e prazer; linguagem e forma de comunicação e interação social. Compreender os aspectos relacionados à boa postura. Vivenciar práticas corporais que ampliem a percepção do corpo sensível e do corpo emotivo. Conhecer os efeitos que a atividade física exerce sobre o organismo e a saúde. Vivenciar jogos cooperativos. Participar da organização de campeonatos, gincanas, excursões e saídas de campo dentro do contexto escolar. Movimento corporal, esportes e jogos. Compreender os aspectos históricos e sociais das danças. Perceber o ritmo pessoal e do grupo. Desenvolver a noção de espaço e tempo vinculada ao estímulo musical e ao silêncio com relação a si mesmo e ao outro. Explorar gestos e códigos de

diversos movimentos corporais. Vivenciar o processo expressivo, partindo do código individual para o coletivo (mímicas individuais, representações de cenas do cotidiano em grupo, danças individuais, pequenos desenhos coreográficos em grupo). Perceber os limites corporais na vivência dos movimentos rítmicos e expressivos. Vivenciar danças da cultura popular regional, compreender seus contextos de manifestação (carnaval, escolas de samba e seus integrantes, frevo, capoeira, bumba-meu-boi, etc.). Vivenciar as manifestações das danças urbanas mais emergentes e compreender seu contexto originário. Vivenciar as danças populares regionais nacionais e internacionais e compreender o contexto sociocultural onde se desenvolvem (SEEDF, 2014, p.48).

A palavra "luta" nesse documento foi citado com o sentido de luta social como no trecho a seguir: "Identificar as lutas políticas e sociais da população e os espaços de participação pública atuais" (Componente Curricular História, 2014, p.97). Mas com relação às lutas/artes marciais não foi encontrada qualquer menção explícita à esse conteúdo.

Analisando o conjunto do Currículo em Movimento, foi possível identificar uma atenção às lutas/artes marciais no Ensino Fundamental, Anos Iniciais e Finais, quando comparada às demais etapas e ao EJA. Por que houve essa atenção? O que há de especial nessa etapa da Educação Básica para abordar as lutas/artes marciais em um cenário de possibilidades de temas e conteúdos tão abrangente? Tais perguntas não são possíveis de serem respondidas a partir dos dados desta pesquisa, mas são importantes para reflexão.

É possível, principalmente extraindo dados dos conteúdos dos Anos Finais, que a preocupação em lecionar as lutas/artes marciais é ainda maior que nos Anos Iniciais, porque pude ver uma série de ensinamentos que são essenciais ao estudante aprender quando estamos nos referindo às lutas/artes marciais. Logo, dentre todas as etapas da Educação Básica no Currículo em Movimento, os Anos Finais do Ensino Fundamental foi o que mais se destacou na oferta do conteúdo de lutas/artes marciais na Educação Física Escolar.

Na análise do Currículo em Movimento da SEEDF pude perceber que não há uma boa apresentação das lutas/artes marciais nas demais etapas e na EJA. O documento apenas cita o termo "lutas", como no caso do Ensino Médio ou nem cita, no sentido de tema da cultura corporal, como no caso da EJA. Desse modo, se o documento desse um norte aos professores de Educação Física, o qual seria mais facilitado o encaminhamento das lutas/artes marciais na vida do estudante e também do professor que vai aprender para poder ensinar.

3.3 As lutas/artes marciais nos 3 currículos analisados: limites e possibilidades

Realizando uma síntese da análise do Currículo em Movimento juntamente com os PCNs e a BNCC, pude observar que a ênfase no conteúdo de lutas/ artes marciais se dá, de fato, nos Anos Finais do Ensino Fundamental nos três documentos.

Foi possível, analisar, também, que parece haver uma falta de progressividade nos três documentos analisados em relação à proposta de Educação Física, especialmente no que concerne às lutas/artes marciais que foram o foco desta pesquisa, em cada uma das etapas da Educação Básica e entre elas. Os documentos, apesar de representarem avanços rumo à uma melhor organização e sistematização dos conteúdos da Educação Física na escola, carecem de interligação entre os conteúdos das etapas, pois muitas vezes pareceu não haver uma continuidade entre o que é proposto entre as fases, etapas e mesmo entre os anos da vida escolar, o que prejudica significativamente a ideia de currículo.

Ao aprofundar mais a análise estabelecendo relações entre esses três documentos, percebo que o Currículo em Movimento da SEEDF é o que mais apresenta aspectos que buscam dar especificidade às lutas/artes marciais na Educação Física Escolar, conforme demonstraram os trechos citados. É possível perceber em alguns dos textos a indicação da necessidade de manter os documentos atualizados, entretanto, quando se diz respeito às lutas/artes marciais é interessante ser feita uma revisão por completo desse conteúdo, pois como foi mencionado não há uma progressividade nos conteúdos e faltam caminhos e possibilidades para guiar o professor quanto ao lecionar as lutas/artes marciais.

Como afirmou Costa (In BRASIL, 2018, p.31): “O ato de lutar é um ato humano. Registros científicos apontam que nas primeiras civilizações essa manifestação já se encontrava presente, assim como questões que a envolvem até a contemporaneidade”, portanto, fundamental de ser tratado na escola. No entanto, a análise dos currículos revelou que, de forma geral, ainda se faz necessário avançar na seleção, organização e sistematização dos conteúdos relacionados às lutas no âmbito da Educação Física Escolar. A partir dessa constatação, surgiram alguns questionamentos que podem ser melhor compreendidos em investigações futuras: as lutas/artes marciais teriam algo que não se adequaria aos objetivos e/ou nível de desenvolvimento dos sujeitos de determinada etapa? Há ainda falta de

conhecimento do campo da Educação Física sobre esse tema? Ainda há o preconceito da concepção lutas/artes marciais como sinônimo de briga? (In BRASIL, COSTA, 2018).

Compreende-se que faz-se necessário um redimensionamento acerca das lutas/artes marciais nos currículos de Educação Física Escolar pois quando se trata desse conjuntos de conteúdos o acervo é grande e com diferenciadas práticas corporais a serem ensinadas e de reconhecido valor histórico e humano.

Anteriormente, foi mencionado que as artes marciais ensinam ao praticante a diversidade que é a sociedade humana com relação a pesos corporais. Pode ensinar também regras, a organização, a hierarquização, respeito, autonomia nas tomadas de decisões e cuidado com o colega/parceiro de aulas.

Do ponto de vista técnico e tático, o estudante que tiver acesso às lutas e artes marciais na escola poderá aprender, entre outros elementos, a utilizar a força do mais forte ao seu favor, aprendendo um dos princípios mais famosos que o criador do judô escreveu: “Máxima eficácia, com o mínimo de força”. Ou seja, se opor com força máxima contra alguém mais forte não é interessante, mas utilizar a força do outro a seu favor e ser mais rápido é mais eficaz. Agora, do ponto de vista filosófico, por exemplo, os estudantes de Ensino Médio, em sua maioria, com foco em vestibulares e exames afim, por que, então, não abordar as artes marciais com intuito de mostrar que não se deve desistir no primeiro erro ou na primeira experiência? Ensinar ao estudante por meio das lutas/artes marciais que: “Somente se aproxima da perfeição quem a procura com constância, sabedoria e, sobretudo, humildade” (KANO, 2008, p. 27).

Um currículo escolar não tem condições e nem tem por objetivo contemplar tudo sobre lutas/artes marciais ou sobre quaisquer outros conhecimentos, porém, é necessário que um documento de tamanha importância possa apresentar os principais elementos e possibilidades pedagógicas, permitindo uma noção de conjunto ao professor de Educação Física que, potencialmente, poderá proporcionar vivências e reflexões para os estudantes de maneira contextualizada com suas realidades e momento da vida.

O currículo escolar tem o desafio de sistematizar conhecimentos amplos de modo que se tornem acessíveis e adequados aos objetivos da escola, à capacidade de compreensão dos estudantes nas diferentes etapas da Educação Básica e que sejam devidamente

contextualizados. No capítulo a seguir, trato de discutir com mais especificidade uma luta/arte marcial, o judô, e suas relações com a Educação Física Escolar.

Capítulo 4

O JUDÔ E A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

O objetivo deste capítulo é compreender os aspectos históricos e princípios filosóficos do judô e apontar possibilidades pedagógicas dessa arte marcial/luta para a Educação Física escolar.

As lutas/artes marciais possuem um acervo grande e milenar, tendo em vista que algumas de suas manifestações datam de meados dos anos 1600. Destaca-se que uma figura histórica importante na defesa por acreditar que as lutas/artes marciais poderiam contribuir para uma Educação Física mais abrangente foi Jigoro Kano, criador e fundador do judô. No Japão ele é visto como o pai da Educação Física, pois inovou ao criar uma arte marcial que não precisava ser usada em batalhas prioritariamente e que poderia ser praticada para melhorar a saúde física e mental (KANO, 2008, p.24)

Qual o objetivo da Educação Física? Assim, refletia o criador do judô sobre essa questão:

Já ouvimos muitas opiniões sobre isso. Depois de pensar demoradamente sobre essa questão e conversar com várias pessoas que conheciam o assunto, concluí que seu objetivo é tornar o corpo forte e saudável, e, ao mesmo tempo, formar o caráter através da disciplina mental e moral. (KANO, 2008, p.24)

Para que seja realmente efetiva, a educação física deve ser baseada no princípio do uso eficiente das energias mental e física. Estou convencido de que os futuros avanços na educação física vão estar de acordo esse princípio. (KANO, 2008, p.24)

Percebemos, hoje, que ele estava correto ao acreditar que a Educação Física poderia contemplar bem mais que o movimento meramente físico e o trabalho muscular. Idealizou uma Educação Física baseada numa educação também mental e que cuidaria do corpo como um todo, onde a mente saudável levaria a um corpo físico saudável e na qual a máxima eficácia estaria em primeiro plano quando comparada ao uso da força. Quando o criador do judô dialoga falando da máxima eficácia, ele não se refere ao alto rendimento no judô, pois na época em que foi fundado não haviam ainda competições em níveis mundial e olímpico.

Ele se refere à máxima eficácia no sentido de o uso da força estar sempre em segundo plano ou terceiro. Esses são conceitos essenciais no judô e na vida, pois a ideia era que o judô se tornasse muito mais que uma luta/arte marcial ou um esporte. Se tornaria um estilo de vida.

Ao longo da história da Educação Física, entretanto, é possível perceber objetivos distantes dos idealizados por Kano. Soares (2004) conta que no século XIX, por exemplo, os quartéis europeus utilizavam a Educação Física como forma de melhorar o rendimento dos seus soldados e para “adestrar” uma população inteira para que a produção nas indústrias fosse maior, pois acreditavam que corpos fortes resistiriam a mais horas de trabalho por dia, aumentando-se, assim, o acúmulo de capital. É marcante na história do campo e da Educação Física Escolar.

No Brasil aconteceu de forma similar, com destaque para o regime da ditadura militar. Entretanto, durante o período de redemocratização do país, em meados de 1980, houve reivindicações e questionamentos sobre o tecnicismo exacerbado na educação como um todo e, inclusive, na Educação Física escolar. Esse período histórico do campo ficou conhecido como Movimento Renovador da Educação Física. Professores e pesquisadores propuseram outras concepções de Educação Física para o contexto escolar a partir da crítica a uma certa hipertrofia da didática em relação à discussão pedagógica, ou seja, a discussão dita pedagógica não ultrapassava os limites de uma discussão didática limitada. O que pode ser tomado como indicador é a preponderância dos manuais contendo formas de exercitação, indicações de procedimentos de ensino, pouca ou nenhuma preocupação com a discussão em torno das finalidades sociopolíticas da Educação Física (BRATCH; CAPARROZ, 2007). Os autores falam da hipertrofia da didática, ou seja, o ensino da Educação Física pautava-se na reprodução de técnicas e no rendimento em detrimento do que a Educação Física poderia oferecer, pois ela tem muito mais por trás dos movimentos meramente físicos, tem potencial de contribuir para o desenvolvimento integral.

Para elucidar outras concepções para o contexto escolar, Vago (1996), em um diálogo com Bratch (1992), resgata o que seria apropriado de ser feito para reformular a aula de Educação Física na escola:

Participação no planejamento das aulas; - incentivar os alunos a expressarem ideias para a realização dos jogos; - conduzir reflexões e discussões com os alunos sobre as atividades desenvolvidas, levando-os a refletir quanto a: 1. importância da participação de todos os integrantes do grupo; 2. possibilidade e necessidade de mudança de regras; necessidade de conseguir ambiente agradável, cooperativo e de companheirismo nos jogos; - considerar as ideias expressas pelos alunos e submetê-las à apreciação do grupo; - engajar os alunos na organização e validação das atividades realizadas nas aulas; - levar em consideração a importância de uma

disciplina funcional, espontânea, em contraposição à disciplina imposta; - explorar e utilizar a colocação de problemas aos alunos, com o objetivo de levá-los à atividade reflexiva (VAGO,1996, p.15 *apud* BRATCH , 1992, p.90).

Diante do exposto, considera-se possível articular, salva as devidas diferenças, as perspectivas de Educação Física defendidas pelo referido movimento e o que idealizou Jigoro Kano com foco nas lutas/artes marciais, em especial o judô. É plausível afirmar, baseado nos documentos analisados, que a Educação Física Escolar conta atualmente com mais diversidade de conhecimentos, objetivos, metodologias e que é maior o espaço para o diálogo entre professores e estudantes dado estarmos em outro momento histórico, com acúmulo de discussões críticas sobre educação, assim, os próprios currículos trazem a dimensão do estudante como sujeito social e dotado de direitos. O rendimento não está mais em primeiro plano e a perspectiva de uma educação integral, ou nas palavras de Kano que considere corpo e mente, tem potencial de crescimento e consolidação.

Para entender como as lutas/ artes marciais podem ser inseridas no currículo, apoio-me nessas reflexões sobre o judô:

O professor de judô deve ter uma visão humanista e progressista da Educação Física contemporânea, objetivando, por meio da atividade física, fazer os alunos se desenvolverem integralmente, assumindo um papel amplo, de educar e proporcionar o desenvolvimento do educando, estimulando as três áreas inerentes aos comportamentos da natureza humana, segundo a visão pedagógica: cognitiva, afetiva e psicomotora. É dever do professor favorecer ao homem o seu conhecimento, não só no nível motor, mas em âmbito integral, e que interage com o todo social no desenvolver de suas funções, desde as mais elementares até as mais superiores. (ROZA, 2010, p.29)

[...] é possível apontar que o judô não é uma arte bélica, que treina pessoas para um combate desenfreado, mas uma maneira de formar o praticante com princípios de paz, disciplina, educação em que o projeto maior é o desenvolvimento e crescimento pessoal e, ao mesmo tempo, de relação com o próximo. (MENDES E MULERO,2015, p.63)

Desse modo, o professor de judô ao lecionar esta arte marcial, deve estar atento às atualizações no mundo com relação à educação. É muito visto, mesmo nos dias de hoje, professores que ao colocarem uma faixa preta na cintura se tornam pessoas que creem ser superiores aos seus estudantes e que são detentores do conhecimento. Esse tipo de professor de judô prefere manter o ensino arcaico e ortodoxo, no entanto, o mundo juntamente com as práticas na Educação Física podem ser ressignificadas ao nível de modificar o ensino sem deixar esquecer das raízes da prática, no caso do judô: história, filosofia, técnicas

propriamente ditas e educação. Os aspectos históricos e filosóficos do judô são indispensáveis no processo de ensino dessa luta/arte marcial.

4.1 Aspectos históricos e filosóficos do judô

Kano (2008, p.19) conta que no Japão no período Edo¹ (1603-1868) estava desenvolvendo o *jujutsu*, uma arte marcial violenta usada por samurais durante a era feudal. Nela incluíam-se chutes, socos, estrangulamentos, torções e imobilizações, mas tudo isso era utilizado pelos feudos para se apropriar de territórios vizinhos. Outras artes marciais, porém, com o uso de armas, também eram utilizadas para atacar outras civilizações, armas essas que eram: arcos e flechas, espadas, lanças, facas, entre outras. Cada feudo tinha seu estilo de ensinar, pois haviam diferentes mestres. Calleja (1982) explica que os golpes das formas mais primitivas das artes marciais se davam com o intuito de matar seu oponente e também consideravam a prática do *jujutsu* anti- pedagógica.

Para assimilar esses conhecimentos Jigoro Kano desde a sua juventude, estudou e treinou com muitos mestres do *jujutsu*, porém, ele via que as formas como eram ensinadas as técnicas diferiam em todas as escolas e isso deixou Jigoro Kano confuso. Além disso, o que mais inspirou Jigoro Kano a adaptar essa arte marcial foi a forte influência da Educação Física no âmbito pedagógico, com intuito de educar e não de se opor ao seu oponente. Ele queria algo que usasse menos energia mental e física, com métodos de ataque e defesa que não objetivassem matar o adversário. Estudou as técnicas dos vários mestres pelos quais passou e, apenas as técnicas que ele julgou necessárias e que compartilhassem com o princípio de utilizar menos energia mental e física, foram utilizadas por ele na criação de sua arte marcial, o judô. Ele queria agora formar cidadãos conscientes e não guerreiros.

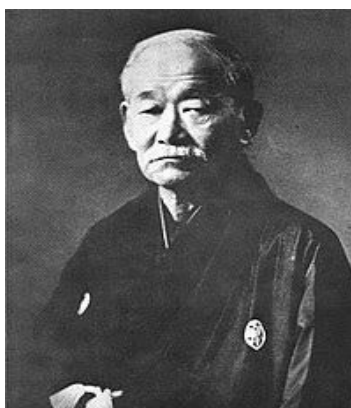


Imagem 1 - Jigoro Kano, Criador do Judô. Fonte: *site*: <http://gg.gg/figura1>

Ainda em Kano (2008, p.20), as palavras *judô* e *jujutsu* escritas em ideogramas chineses tem somente o "ju" com significado igual: gentilmente ou ceder. O "do" tem como significado: caminho ou via. Esta arte é chamada por Jigoro Kano de "a arte gentil" ou "caminho da gentileza". Para Calleja (1982), a palavra "ju" tem outros significados, como: suave, doce, elástico, flexível. O "*jutsu*" significa arte, técnica ou prática. Para Brousse (2019) "ju" e "do" é o caminho universal, onde tem os ensinamentos da prática com os golpes de projeção e imobilizações no solo e o ensinamento das máximas do judô, aliando a teoria com a prática baseada nos princípios da arte marcial criada e fundada por Jigoro Kano. Há essa diferença entre as palavras judô e jujutsu e que Jigoro Kano, ao adaptar o nome para judô, esperou que o real significado da arte seria entendido. Ele quis proporcionar para a arte marcial por ele adaptada o seguinte pensamento: a educação do ser humano estaria sempre acima da violência e do uso máximo da força (KANO, 2008).

Sobre a palavra "ju", existem duas lendas sobre seu significado: ceder. As duas lendas, segundo Kano (2008, p.11), foram passadas de forma oral durante milênios e explicam como o ser humano, na sua vida ou no dojô, deve se portar diante de alguma situação que venha a querer prejudicar-te tanto fisicamente quanto emocionalmente. A primeira lenda conta que um garoto durante uma tempestade observou as árvores. Dessas árvores, tinham as que se destacavam, ou seja, as árvores grandes e robustas que intimidava qualquer um a dizer: "nossa, aquela árvore nunca vai cair porque é muito grande e forte". E tinha a pequena árvore, que também recebia críticas, no entanto, não construtivas: "essa pequena árvore não resiste a nada, quanto mais a essa tempestade que está por vir". Na tempestade, o garoto observava que as grandes árvores caíam e facilmente quebravam ao receber grandes rajadas de ventos. E enquanto ocorria isso, a pequena árvore se inclinava na direção das rajadas de vento, cedendo-se para triunfar frente a grande tempestade.

A outra lenda conta que um salgueiro ao receber muita neve, devido à grande nevasca, cedeu ao cair muita neve, assim se curvou até a neve cair no chão e voltou à sua posição inicial. Segundo Virgílio (1994), o médico japonês Akiyama Shirobei, que residiu na China, ao viajar para o Japão para fins de estudo observava uma cerejeira que é grande e troncada e um salgueiro pequeno e flexível durante a nevasca. A cerejeira quebra e o salgueiro continua na sua posição inicial. Em Calleja (1982), também é afirmado este fato histórico. Eis o princípio

básico do *jujutsu* que futuramente se torna *jiujitsu*: não se opor a força máxima do seu oponente com a sua força máxima (KANO, 2008).

Em 1882, Jigoro Kano funda sua primeira academia que futuramente se tornaria o lugar mais tradicional para a prática do judô: *Kodokan*. Segundo Calleja (1982), em 1922 a Sociedade Cultural da Kodokan foi inaugurada e com isso dois axiomas que regem o judô também foram escritos: "*Seryoku Zen'yô*" (Máxima Eficácia) e "*Jita Kyôei*" (Prosperidade e Benefícios Mútuos). No entanto, a Kodokan passou por muitos problemas onde outras instituições queriam retirar a hegemonia da *Kodokan*, eram elas: *Butokukai* e *Kosen*. Nesse tempo de impasse entre as instituições, o judô ganhava força e Jigoro Kano fazia palestras e mostras do judô para o povo norte americano.

Em 1909, o governo Japonês decidiu tornar a *Kodokan* um local público, fazendo com que as outras duas instituições ficassem subordinadas à *Kodokan* e o judô veio, desde então, ganhando espaço. As forças militares do Japão em 1938 iniciaram a adesão às artes marciais e começaram a perceber que a parte de defesa pessoal é importante, pois em meio às guerras era necessário praticar o judô devido a eficácia que ele vinha mostrando durante as mostras que Jigoro Kano fazia pelo mundo. Ao iniciarem, se depararam com algo maior que a defesa pessoal: o caminho do guerreiro. O caminho do guerreiro, em japonês, segundo Calleja (1982), se denomina "*Bushido*", que vai explicar os seguintes termos anteriormente citados e o que Jigoro Kano queria ensinar acima da prática: "*Seryoku*", "*Zen'yô*" e "*Jita Kyôei*".



Imagem 2 - Kodokan atualmente. Fonte: *site*: <http://gg.gg/figura-2>

O primeiro termo, "*Seiryoku Zen'yô* ", se remete a máxima eficácia, porém, qual eficácia? Em Kano (2008), é tratada como a eficácia na oposição ao seu oponente, onde não devo me opor à força dele e sim usá-la ao meu favor para derrotá-lo, ou seja, se eu utilizar minha força

contra a de um oponente que é maior e mais forte eu vou perder, porém, se eu utilizar a força dele contra ele mesmo, tenho mais chances de vencer. Jigoro Kano obteve sucesso ao aplicar esse axioma em todas as técnicas de ataque e defesa. Associo esse princípio ao jogo, mais especificamente à queimada² que, segundo Soares *et al.* (2013), pode ser entendida pelas crianças como uma "guerra", devido às suas origens históricas. Considerando desse princípio do judô e uma perspectiva crítica de Educação Física, pode-se ressignificar e apresentar para as crianças em formação escolar que o uso da violência não é necessário para resolver problemas e sim para agravá-los e ainda gastar energia mental e física sem necessidade, enquanto que a estratégia e organização coletiva podem ser mais eficazes.

O segundo princípio, "*Jita Kyôei*", é o princípio onde diz que se eu posso ajudar ou se alguém precisa ser ajudado, eu o faço. Nas aulas de judô, os praticantes, antes de começar qualquer tipo de treinamento, se reverenciam para demonstrar respeito e gratidão, porque os dois estão se doando para juntos aprimorarem suas técnicas. Se é mútuo, eu necessito do meu colega naquele momento e sem ele não há treinamento. Se eu porventura não tratar meu colega com respeito, não estarei semeando o que mais queria Jigoro Kano na criação do judô e no decorrer da vida de um ser humano: respeito. Respeito e ajuda mútua resumem o que é esse princípio para o judô e para a vida.

Kano (2008), Shinohara (1982) e Virgílio (1994) tratam do princípio "*Jita Kyôei*" aplicado também na vida cotidiana que se remete a ajudar o próximo sempre que puder e usar esse princípio também para aperfeiçoar a vida diária, como: ajudar quem mais precisa, ser gentil e educado com todos que participam do seu dia a dia ou no ambiente de trabalho. "*Jita Kyôei*" foi criado por Jigoro Kano com a ideia de auxiliar na formação humana e hoje é posto em prática pelos professores de judô que transmitem para seus estudantes. Para descrever esse princípio, me remeto à minha experiência como professor de judô, aonde ao final de todas as aulas eu falo sobre respeito. E em uma certa vez indaguei aos estudantes: vocês ajudam aos pais de vocês nas tarefas de casa? E ouvi que não. Perguntei qual arte marcial eles praticam e eles responderam: o judô. E a resposta estava no nome desta arte marcial. Falei para eles que a principal palavra da vida e do judô é o respeito, pois sem ele seria difícil conviver em sociedade.

Lage e Gonçalves Junior (2007) afirmam que no karatê, similarmente ao judô, o ensino das palavras respeito, humildade e caráter também são mencionadas nas aulas e ensinadas pelo professor. Ajudar aos pais a fazer pequenas tarefas em casa, por exemplo, entre outras ações, pode ser um ato simples mas de grande valia para demonstrar respeito. Transmitir tais conhecimentos deve fazer parte do aprendizado do judô na escola e é importante que sempre esteja sendo passado adiante os princípios do judô, sejam por atos ou por palavras.

Brousse (2019) trata inicialmente o "*Jita Kyôei*" como o princípio da harmonia que deve ser uma busca constante ao longo do período da vida e que o sucesso individual só é alcançado pela ajuda mútua. Brousse fez essa associação com a harmonia, pois o significado é semelhante ao que o princípio ensina. Tem que haver harmonia quando se trata de "*Jita Kyôei*", pois não se trata somente de uma pessoa, mas sim de um grupo e esse grupo trabalha em conjunto em prol de objetivos específicos, porém, só serão alcançados por meio da ajuda mútua, por isso é importante ensinar para os estudantes que fazer tudo sozinho e sem ajuda do outro pode ser um caminho mais longo e mais difícil. Por meio dos ensinamentos filosóficos, a partir de uma máxima do judô, pode ser ensinado que cuidar do outro é importante para que ele volte a treinar judô, pois não se pratica individualmente. “ Bem estar Mútuo” é a máxima utilizada para ensinar o quão é importante o cuidado com a integridade física que se deve ter com os colegas na aula de judô e na vida cotidiana. Jigoro Kano idealizava que o judô ajudaria a melhorar a Educação Física, analiso que ele, ainda naquele período histórico, ano não estava errado, pois até hoje suas máximas são utilizadas e fazem sentido, como a "Harmonia": “Equilíbrio ou combinação entre elementos que ocasiona uma sensação agradável ou aprazível” (DICIO, 2020)

Em 4 de maio de 1938, lamentavelmente, morreu de febre amarela Jigoro Kano. Ele estava a bordo do transatlântico *Hikawa Maru*, quando voltava do Cairo, onde havia presidido uma reunião do Comitê Olímpico Internacional. Deixou como legados o judô como modalidade olímpica como parte das Olimpíadas, pela primeira vez em 1964, no Japão, e sua academia se tornou a Meca³ do judô mundial. Segundo Calleja (1992), a *Kodokan* é o centro para organização e administração do judô no mundo. Na *Kodokan* o judô é gerenciado pelos professores mais antigos e experientes. Neste lugar, os professores procuram perpetuar o que o criador do judô idealizou: o lugar onde o judô mais tradicional seria ensinado ou pelas próprias palavras de Kano, “é onde se aprende o caminho”. O edifício desde 1958 conta com

500 tatames, distribuídos em várias salas e conta também com restaurante e alojamento para estrangeiros.

Portanto, a *Kodokan* é o *dojo* mais sagrado e mais importante, pois é o berço do judô mundial e é lá também que o Jigoro Kano passou seus conhecimentos de judô para seus descendentes.

Em 2020 estava previsto para que o Japão sediasse mais uma Olimpíada, mas foi adiada em decorrência da pandemia de COVID-19. Quando for realizada a Olimpíada, um de seus significados será o retorno do judô para casa. Com os Jogos Olímpicos no Japão, o judô será disputado no país e na cidade onde foi criado. Os japoneses e todos os judocas presentes terão o privilégio de lutar no berço do judô.

Jigoro Kano queria justamente a união das pessoas por meio de uma arte marcial e não apenas o combate. Ele batalhou por uma Educação Física melhor e de qualidade e hoje, certamente, ainda tem validade o que ele escrevia em meados dos anos 1882-1900 de que o judô tem grande potencial de contribuir para formação educacional dos estudantes e das pessoas de forma geral.

Há os impasses e dificuldades quanto ao ensino das lutas/artes marciais na escola, como dito anteriormente. No entanto, baseando-me nos ensinamentos do judô, analiso que o professor de Educação Física deve estar aberto a outros tipos de conhecimentos e experiências, e não somente a uma área, como o esporte. Todos os seres humanos estão suscetíveis a erros e não devem ter medo de errar quando se trata da transmissão de conhecimentos. A cada aula lecionada são vivenciadas experiências diferentes e, assim, vai se melhorando a qualidade da aula e buscando embasamento teórico e orientações curriculares que nos ajudem, como docentes, a encontrar novos objetivos, possibilidades metodológicas e avaliativas, conteúdos. Desse modo, a criatividade e o interesse do professor em querer melhorar suas aulas são elementos importantes no cotidiano escolar.

4.2 O judô e suas possibilidades pedagógicas para Educação Física Escolar

O judô, como pôde ser visto em seus princípios filosóficos e aspectos históricos, bem como outras lutas/artes marciais que vão em direção parecida são ricas manifestações da cultura corporal. Na escola, o judô pode contribuir com a formação de sujeitos das diferentes etapas da Educação básica.

O objetivo deste item é refletir sobre os princípios históricos e filosóficos apresentados articulando-os com a relação professor-aluno, espaço, rituais e aspectos metodológicos do judô a partir, do referencial teórico e das minhas vivências como judoca e prática pedagógica como professor (*sensei*).

O ensino dessa luta/arte marcial é, tradicionalmente, feito por professores graduados no 1º *dan* de judô, que é o primeiro grau na faixa preta do judô. Esta graduação de faixa preta é concedida pela Confederação Brasileira de Judô, que é a entidade que rege o judô brasileiro desde a sua criação em 18 de março de 1969 (NUNES, 2019). O professor de judô, na visão de Jigoro Kano, é o que transmite o conhecimento na forma mais pura e simples: “Ele se preocupa com a conduta moral e intelectual dos seus estudantes” (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE JUDÔ, 2018).

Aqui temos uma questão que pode causar dúvidas: somente o *sensei* de judô pode ensinar o judô na escola? A Confederação Brasileira de Judô gradua os que são aprovados nos exames para ter o 1º *dan* e somente sendo graduado faixa preta é que essa mesma pessoa pode graduar seus estudantes. Na escola, o ensino do judô realizado pelo professor de Educação Física não será o mesmo feito nas academias, clubes ou escolas que oferecem a modalidade fora do turno de aulas. O intuito é apresentar a luta/arte marcial explicando sua história, demonstrando golpes, ensinando a filosofia, articulado aos vários elementos que podem surgir a partir da realidade dos próprios estudantes e de temas da realidade do Brasil e do mundo. Essa luta/arte marcial tem um caráter educativo porque não se preocupa somente com a técnica apurada

Uma experiência pessoal remete ao que estou tratando aqui. Em 2014 tive uma professora de Educação Física que abordou as lutas/artes marciais como conteúdo. Ela passou tudo que estava ao seu limite com relação ao judô e quando ela percebeu isso, convidou um amigo

judoca que buscou ensinar técnicas mais específicas do judô. Essa professora aprofundou mais nos conhecimentos de capoeira dentro das lutas/artes marciais, que era aonde ela tinha muita experiência e era considerada professora (ou mestra) pela comunidade da capoeira. O professor de Educação Física pode lecionar o judô na escola, mas a metodologia e alguns conhecimentos do conteúdo, certamente não serão e nem se pretende que seja, os mesmos que são trabalhados em espaços em que o estudante tem judô o ano inteiro, três vezes por semana, como é o caso das academias ou dos Centros de Iniciação Esportiva - CIDs⁴ da SEEDF.

A primeira ação do estudante ao iniciar a arte marcial é tentar entender o porquê de ajoelhar lado a lado com seus colegas e em frente ao professor. O professor fica a frente, pois ele tem como responsabilidade transmitir os conhecimentos, é o seu papel como *sensei*. Porém, deve fazer parte de seus ensinamentos expressar que ele não é o detentor do conhecimento, mas ele está ali para ensinar e para aprender junto aos judocas (estudantes de judô).

É importante salientar que não somente no judô, mas também no karatê, há o princípio do respeito ao professor. Lage e Gonçalves Junior (2007, p.39) explicam com poucas palavras o que é ser um professor de lutas/artes marciais e de Educação Física que deixa de lado o modelo antigo de educação e passa a dar mais atenção à mutualidade que o ambiente escolar proporciona: “[...] *sensei* que educa e se educa, na busca de uma compreensão mais profunda, amadurecida, do Karatê”.

Há também que se salientar que o estudante é fundamental na relação com o professor e com o conhecimento. O papel do estudante às vezes pode ser confundido, pois ainda existem professores regentes na Educação Física de escolas ou mestres de lutas/artes marciais que têm uma visão muito ortodoxa do ensino e não se esforçam para as possibilidades de aprender com o estudante. Ortodoxa na questão de construir o “saber” do estudante só com o que o professor ensina e somente aquilo. É uma visão arcaica do ensino que não valoriza o que o estudante pode trazer para o professor de novo ou da sua própria experiência pessoal.

González e Fensterseifer (2010) falam da construção do “saber” a partir do “fazer” e isso por muitas vezes não é visto pelo professor como uma possibilidade de aprender. A Educação Física nos proporciona na prática aprender fazendo e a produzir saber. E por que não “fazer”

a partir de uma ideia de um estudante? Ao tratar da Educação Física, e como as lutas/ artes marciais também são constituintes da Educação Física Escolar, cabe a reflexão:

a EF escolar, na condição de disciplina, tem como finalidade formar indivíduos dotados de capacidade crítica em condições de agir autonomamente na esfera da cultura corporal de movimento e auxiliar na formação de sujeitos políticos, munindo-os de ferramentas que auxiliem no exercício da cidadania (GONZÁLEZ e FENSTERSEIFER, 2010, p.12)

Diante da afirmação dos autores acima, as lutas/artes marciais e o judô têm como finalidade contribuir com a formação humana e com o desenvolvimento integral dos sujeitos.

Uma das possibilidades pedagógicas *randori*. O *randori* tem origem em um tipo de treinamento conhecido como *nokori ai*, praticado pouco tempo antes da Restauração *Meiji* em 1868 (KANO, 2008, p.145) e é muito eficaz em aprimorar as habilidades com os colegas de turma. Nós estamos lidando com pessoas e elas são corpos mutáveis, ou seja, não ficam estáticos e parados no mesmo lugar, assim, tem-se o propósito do *randori* que é adquirir habilidades para manipular um corpo com as mais diversas formas de movimento. Kano (2008) primeiro ele fala do real propósito do *randori* e depois reflete que existem lugares onde o *randori* não é bem executado, deixando assim uma reflexão de como é retrógrado abandonar a postura que o judô proporciona:

A meta fundamental do *randori* é desenvolver a habilidade de lidar rapidamente com qualquer circunstância mutável, desenvolver um corpo forte e flexível, e preparar a mente e o corpo (KANO, 2008, p. 145),

Infelizmente, em muitos *dojos*, hoje em dia o *randori* não é praticado como deveria ser. Uma das razões é o *stress* do treinamento voltado para as competições. Em competições e torneios, os participantes tendem a abandonar a postura natural básica e assumem posturas defensivas rígidas. O judô “estilo competição” que resulta disso está longe de ser o ideal (KANO, 2008, p. 146).



Imagem 12 - *Randori na Kodokan Institute*. Fonte: site: <http://gg.gg/Imagem-12>

Disciplina e respeito são as principais palavras quando nos remetemos às lutas/artes marciais, “especialmente, as do grupo *budô* que é formado por: *judô*, *karatê*, *kendo* e *aikido*” (LAGE; GONÇALVES JUNIOR, 2007). É indispensável o ensinamento dessas palavras, disciplina e respeito, para os que estão iniciando a prática e para os já praticantes. Quando nos referimos à indisciplina na escola por parte dos estudantes, é preciso levar em conta muitos aspectos para que o professor possa compreendê-los e atuar para contribuir com a formação. Considera-se que os princípios filosóficos dessas lutas/artes marciais, podem fazer muita diferença na vida de uma criança ou adolescente que está em processo de formação.

Começaremos com os rituais, pela etiqueta dentro do *dojo* (KANO, 2008, p.35). *O dojo* é considerado mais do que uma "sala de aula", e os estudantes realizam cumprimento antes de entrar, fazendo reverência. Essa reverência tem como significado e objetivo mostrar ao praticante que aquele local é especial. Especial de tal forma que ele deve cuidar como se fosse sua casa, contribuindo com a limpeza daquele local que é de suma importância para a realização das aulas. Em minhas aulas de judô não deixo de indagar aos estudantes sobre os cuidados essenciais que eles devem ter com o local de aula, busco conversar e ressaltar que aquele local é a casa deles naquele momento e que, se eles não cuidarem, um dia pode não estar mais à disposição deles. “Como um monastério, o *dojo* é um lugar sagrado que as pessoas procuram para aperfeiçoar seu corpo e sua mente” (KANO, 2008, p.30).



Imagem 3 - Reverência em pé antes de entrar no *dojô*, *ritsurei*. Fonte: <http://gg.gg/figura3>

Outro ritual importante é o cumprimento aos colegas. Os cumprimentos em japonês têm nomes: *ritsurei* para os cumprimentos em pé e *zarei* para os cumprimentos ajoelhado. Antes e depois de praticar o judô ou participar de uma disputa, os oponentes/colegas de aula se cumprimentam com uma reverência (KANO, 2008). Esse cumprimento ao colega é feito para demonstrar e ensiná-los que antes de realizar qualquer ação com o companheiro(a) é necessário o gesto de respeito, pois ele está de alguma forma permitindo que seu corpo seja, respeitosamente, manipulado pelo colega.

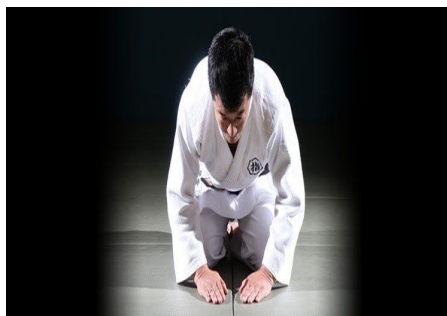


Imagem 4 - reverência ajoelhado, *zarei*. Fonte: <http://gg.gg/figura4>

Novamente compartilho elementos de minha prática pedagógica. Uma vez fui indagado por um estudante: “*Sensei*, por que a gente sempre abaixa a cabeça para o nosso colega?”. Eu imediatamente parei a aula e os ensinei o significado daquele gesto. Respondi dizendo que todos devemos ser cuidadosos e cautelosos para com os nossos colegas. Cada ação feita pelo judoca deve ser pensando na integridade física do amigo que está ali naquele momento, pois se ele se machucar, ou se você machucá-lo, ele não voltará para praticar e vai desfalcar a turma/equipe. Quando os ensinei sobre essa etiqueta, eles começaram a demonstrar ter a consciência de que é necessário cuidar e ajudar o colega em todas as ocasiões, seja na hora da aula

Ainda dentro das regras de etiqueta, que compõe os rituais do judô, temos o que foi chamado por Jigoro Kano de "treinamento ético". Nós somos seres humanos estamos perceptíveis a alterações de humor diariamente, não somente os adultos, as crianças também, onde essas, mais especificamente, podem extravasar durante as aulas na escola, gerando contratempos no interior da turma, como atitudes de indisciplina. O treinamento ético nas palavras do criador do judô refere-se ao fato de que:

Existem pessoas nervosas por natureza e que ficam raivosas por qualquer motivo. O judô pode ajudá-las a se controlar. Através do treinamento, rapidamente elas descobrem que a raiva é um desperdício de energia e que só exerce efeitos negativos sobre elas mesmas e os outros. (KANO, 2008, p.27)

Diante do exposto, é possível observar uma vontade do idealizador do judô em torná-lo uma arte que abrange a luta, o combate, mas acima disto, a educação mental e física, integral. Ao "respirar", estudar e praticar o judô, eu pude perceber que minha vida tanto pessoal quanto profissional foi melhor conduzida com relação às tomadas de decisões e os caminhos a seguir. Praticando o judô, o estudante pode perceber que há caminhos mais difíceis e portanto longos, como o uso da força sem necessidade. E há os caminhos que exigem um pouco mais de calma e perseverança, sem utilizar a força como principal caminho. Apesar de este parecer mais longo devido à calma e à perseverança, realmente não é. E eu como um judoca absorvi esse tipo de mentalidade que o meu professor me ensinava e cheguei onde quis chegar pelo caminho onde mais obtive conhecimento, sem me preocupar em errar, pois o erro nos faz crescer como seres humanos.

Villamón e Brousse (2002) refletiram que o judoca consegue analisar e conviver com situações de sucesso e fracasso, entendendo que isso os engrandece como seres humanos. Nas palavras do criador do judô:

O judô nos ensina a buscar a melhor atitude a ser tomada, não importando as circunstâncias, e ajuda-nos a compreender que a preocupação é um desperdício de energia. Paradoxalmente, uma pessoa que cometeu um erro e outra no auge do sucesso estão exatamente na mesma posição. Ambas precisam decidir o que farão a seguir, precisam escolher o caminho que devem tomar no futuro. Os ensinamentos do judô dão a todos os indivíduos o mesmo potencial para o sucesso, tirando-os da letargia e do desânimo, levando-os a um estado de atividade vigorosa (KANO, ano, p.27).

Observa-se nos ensinamentos passados aos judocas a preocupação com o futuro do ser humano, as realizações pessoais e com a saúde mental, aspectos que estão postos em primeiro

plano quando nos referimos a esta luta/arte marcial. A prática do judô traz a sensação de renovação das energias mesmo tendo feito uma aula/treino exaustivo. Um aspecto que não se pode deixar de abordar é: o judô fora do *dojo*. O judô não é somente durante da aula? É importante salientar aqui que o judô não é uma luta/arte marcial para ser utilizada exclusivamente dentro do *dojo*, ela vai muito mais além, porque é a aplicação dos princípios básicos na sua vida diária que tornam a pessoa um verdadeiro judoca. Como foi dito anteriormente, o judoca que aplica essa arte marcial em sua vida pessoal consegue uma tomada melhor de decisões. Em resumo, o judô é uma disciplina física e mental e suas lições podem ser aplicadas na nossa vida diária. O mesmo princípio aplicado em nossas atividades cotidianas leva a uma vida melhor e mais racional (KANO, 2008).

No que se refere ao desenvolvimento moral no judô (TRUSZ; DELL'AGLIO, 2010), comportamento social competente (TRUSZ; NUNES; BALBINOTTI, 2018) e à formação cidadã (MENDES; MULERO, 2015), no judô esses três aspectos sociais são de suma importância no decorrer da vida de um ser humano, pois nos trazem conhecimentos relacionados a como caminharemos com nossas ações e conseqüentemente colher resultados para toda a vida, ao ponto de poder passar esse conhecimento para outras pessoas.

As crianças têm um grande potencial de formar seu caráter como seres humanos com base no que elas vivenciam desde pequenos. Para Trusz e Dell'Aglio (2010), as crianças desenvolvem seu respeito mútuo, que é uma das partes mais importantes do judô, quando o amor prevalece. Elas agem com respeito mútuo quando entendem a hora certa para conversar com os seus colegas e brincar com eles, por exemplo. Nas palavras dos autores supracitados: "É a afetividade ou o amor nas relações entre as pessoas que permite que o medo presente na relação não seja o da punição, e sim o de decair perante os olhos do indivíduo respeitado (TRUSZ; DELL'AGLIO, 2010, p. 121).

Foi observado, então, a grande importância da afetividade e do amor nas relações professor-aluno e pais/responsáveis-filho. É possível refletir que a criança que recebe amor quando pequena, tem potencial de reproduzi-lo em suas ações na escola, em casa, com os amigos e durante a vida de forma geral. O judô pode proporcionar para o estudante esse tipo de desenvolvimento quando o mediador que, no caso é o professor, saiba conduzir suas aulas considerando a afetividade como uma dimensão importante.

Trusz e Dell’Aglío (2010) refletem que o judô pode proporcionar situações onde a criança é provocada a momentos de reflexão: “será que fiz algo de errado?” “por que machuquei meu amigo?”, “preciso repetir esse golpe, se eu sei que pode machucar?”. São algumas das reflexões que os professores de judô podem colocar em pauta com seus estudantes durante uma aula e solicitar que, ao chegar em casa ou durante outras aulas, possam pensar e aplicar na vida. Nesse sentido, Nunes (2004) diz que o judô é uma luta/arte marcial para a busca da autoconfiança, do respeito mútuo, da construção do caráter, amor, afetividade, companheirismo e disciplina. Lidar com a indisciplina e a agressividade costumam ser dificuldades enfrentadas por famílias, professores e dirigentes nas escolas. O conceito de competência social refere-se à conseguir organizar pensamentos, sentimentos e atitudes a serem tomadas na hora que são necessitadas. Muitos estudantes que não conseguem fazer isso são os que apresentam comportamentos agressivos (TRUSZ; NUNES; BALBINOTTI, 2018).

Na tentativa de melhorar esse aspecto de comportamento social, é válido citar novamente o criador do judô, pois naquela época já entendia a importância do judô no comportamento social das crianças. Não obstante, essa arte proporciona, ainda que o estudante não possa por algum motivo realizar suas aulas dentro do *dojo*, ele pode praticar o *Seiryoku Zen’yo* que é o princípio da máxima eficácia com o mínimo de força, como já explicitado anteriormente. Nesse sentido, analisa-se que ter como principal pilar das aulas de judô os ensinamentos filosóficos propostos por Jigoro Kano é de muita valia para a melhora dos comportamentos sociais considerados inadequados.

Nas minhas experiências pedagógicas com o ensino da filosofia do judô, considero que foram favoráveis quando relacionados a uma melhora dos comportamentos sociais. Desenvolvendo inúmeras aulas, passando por diferentes estudantes, me deparei com alguns que demonstravam dificuldades em falar frases simples como: “bom dia”, “boa tarde”, “com licença” e etc. Del Prette & Del Prette (2011) classificam esses como termos de civilidade. Eles passaram a falar quando eu os ensinava e explicava que era necessário ser educado para as pessoas ao redor também entenderem que era uma boa atitude. Costumo explicar, também que, além de eles serem educados no *dojo*, é necessário que sejam educados na escola com os outros professores, com os pais/responsáveis e com todos que estão ao redor deles no convívio social.

Trusz, Nunes e Balbinotti (2018) também puderam observar que com as aulas de judô baseadas na filosofia de Jigoro Kano onde a etiqueta dentro e fora do *dojo*, o respeito aos colegas e a hierarquia, tiveram pelos estudantes uma maior apropriação e eles aplicaram isto em outras aulas que não fossem de judô. E também houve aprendizado dos aspectos simples, como: organização de materiais, organização dos calçados, pedidos de “com licença” e “obrigado”. A associação do judô com o processo educativo vai ficando mais visível quando mostro aqui neste estudo evidências empíricas da minha experiência profissional e de estudos com a prática do judô nas escolas.

Os estudantes são orientados a praticar e agir como agem nas aulas de judô em todas as situações do dia a dia: em casa, na sala de aula com os outros professores e professoras e com eles mesmos. Quando me refiro a “eles mesmos” são momentos que eles devem tentar resolver situações ou problemas de um modo mais independente realizando reflexões, tais como: será que meus pais/responsáveis precisam de ajuda com a limpeza da casa? Será que meus pais/responsáveis precisam de ajuda para lavar a louça? São reflexões simples e que fazem muita diferença. Indago-os sobre: autocontrole, expressividade emocional e solução de problemas interpessoais. Esses termos constituem um quadro esquemático que está descrito da seguinte forma:

Solução de problemas interpessoais: Acalmar-se diante de uma situação problema, pensar antes de tomar decisões, reconhecer e nomear diferentes tipos de problemas, identificar e avaliar possíveis alternativas de solução, escolher, implementar e avaliar uma alternativa, avaliar o processo de tomada de decisão.

Autocontrole e expressividade emocional: Reconhecer e nomear as emoções próprias e dos outros, controlar a ansiedade, falar sobre emoções e sentimentos, acalmar-se, lidar com os próprios sentimentos, controlar o humor, tolerar frustrações, mostrar espírito esportivo, expressar as emoções positivas e negativas. (DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2011, p. 46 - 47)

No item a seguir busco trazer algumas estratégias metodológicas para o desenvolvimento da prática pedagógica do judô no contexto escolar, em especial, considerando a escola pública como local de ensino e aprendizagem.

4.2.1 Algumas possibilidades metodológicas para o processo de ensino-aprendizagem do judô na escola

Metodologicamente, uma das primeiras propostas de atividades a serem desenvolvidas, em especial com as crianças, é a ginástica natural, ou seja, a ginástica feita com o seu próprio peso corporal. A ginástica nessa perspectiva é uma possibilidade pedagógica interessante, visto que as crianças possuem forte identificação com a dimensão lúdica. O fortalecimento da dimensão física do corpo estará sendo realizado respeitando os interesses e necessidades das crianças, onde cada exercício tem uma área muscular a ser trabalhada por meio de uma brincadeira para as crianças.

Kano (2008) considerava a ginástica como uma manifestação importante relacionada à Educação Física e considerava a ginástica como a melhor opção para uma boa promoção da saúde e um desenvolvimento equilibrado quando o objetivo é o fortalecimento das estruturas do corpo. Ele ainda ratifica, dizendo que para a Educação Física para se tornar mais efetiva faz-se necessário também adotar o uso do princípio que já foi citado nesse estudo: *Seiryoku Zen'yo* - o uso eficiente das energias mental e física. Na minha concepção, o que ele quis dizer com isso foi que o professor de Educação Física ao utilizar esses princípios poderá conduzir melhor suas aulas no sentido de ensinar para os estudantes que não adianta ter uma energia física “inesgotável” sendo que a energia mental é a que controla o corpo como um todo. Em resumo: se a mente não estiver em um excelente funcionamento, o físico também não estará.

Na intenção de exemplificar uma das possibilidades pedagógicas do judô na escola, trago a seguir exemplos de duas possibilidades de aula de judô que considerem a aprendizagem das técnicas e a ludicidade com brincadeiras fora do contexto técnico para uma volta a calma “ativa”. E a criticidade também como elemento importante para a formação humana dos estudantes. Esta proposta de aula de judô considera que tais estudantes já vem aprendendo sobre o tema das lutas/artes marciais ao longo de 1 mês (por exemplo) e de forma progressiva dos conhecimentos mais simples aos mais complexos. Ao longo da descrição, vou situando o leitor com relação aos nomes em japonês que são frequentemente utilizados.

Exemplo 1

Aula de judô:

1. Objetivos: Vivenciar e aprimorar os golpes de projeção *o soto gari* e *o goshi*. (Re)conhecer a indumentária do judô (*judogui*). Refletir sobre os princípios filosóficos do judô e suas relações com a vida
 2. Faixa etária e ano escolar: 4º ano do Ensino Fundamental, 9 anos
 3. Local: *dojo* ou outro ambiente adaptado para a prática como uma quadra ou espaço ao ar livre, preferencialmente, com alguma proteção no chão, tais como tatames;
 4. Material: *judogui* (roupa do judô ou uniforme da escola);
 5. Tema: Lutas/Artes marciais - judô
 6. Conteúdo: ensino do *o soto gari* e *o goshi* e organização da indumentária
7. Metodologia: para iniciar a aula de judô eu e os estudantes realizaremos o cerimonial em posição de *ritsurei* (cumprimento em pé) ou *zarei* (cumprimento em ajoelhado). Feito o cumprimento inicial, eu pergunto como foi o dia na escola, o que eles fizeram, como está em casa, provocando que se expressem. Após as palavras, vamos ao aquecimento, para preparar o corpo para as quedas e as articulações do corpo para treinar os golpes.
- Para aquecer o corpo, aos estudantes serão propostos os movimentos de ginástica natural, indo e voltando ao longo do *dojo*. O primeiro movimento será o “gatão”, onde os estudantes vão andar imitando o gato sem encostar os joelhos no chão. Eles vão de frente e voltam de costas. Irão repetir 3 vezes.
 - O segundo movimento de aquecimento apresenta um desafio melhor que é o “gatão” de uma perna somente. Vai com uma perna e, quando voltar, trocar a perna. Repetir 3 vezes;
 - O terceiro movimento é o jacaré. Eles vão rastejar de barriga no chão indo e voltando no *dojo*. Repetir 3 vezes.
 - O quarto movimento é a roda, ou como é comumente conhecida, estrelinha. Eles vão realizar a roda indo e voltando no *dojo*. Repetir 3 vezes.
- Para aquecer o corpo para as quedas, eles vão realizar os *ukemis* (KANO, 2008, p.49). Para iniciar os *ukemis*, eles vão fazer o *uchiro ukemi* a partir da posição sentado. Os estudantes vão sentar com as pernas para frente e totalmente esticadas, com os braços esticados e as palmas da mão para baixo. Vão deitar para trás batendo as mãos e os braços bem forte e colocar o queixo próximo peito para a cabeça não atingir o solo. Repetir 20 vezes. (Imagem 5)
- Partindo da posição agachado, eles irão fazer o *uchiro ukemi* outra vez. Da posição agachado, eles vão esticar os braços para frente, queixo próximo do peito, ficar na ponta

dos pés, deitar para trás e bater as mãos e os braços bem forte. Repetir 20 vezes. (Imagem 6)

-Partindo da posição em pé, eles irão fazer o *uchiro ukemi*. Em pé com os braços esticados à frente, queixo próximo do peito, agachar e deitar para trás batendo os braços e as mãos. Repetir 20 vezes. (Imagem 7)

- Para encerrar o aquecimento com os *ukemis*, os estudantes vão fazer o que chamamos no judô de *zempo kaiten ukemi*, que é o rolamento no judô. Em pé os estudantes vão colocar as mãos no solo, avançar uma perna e rolar. Repetir 4 vezes. (Imagem 8).

- Parte principal - Golpes de Projeção: nessa parte da aula vamos praticar dois golpes muito eficientes para a faixa etária dos estudantes: *osoto gari* e *o-goshi*, que são técnicas de *nague waza*, ou seja, técnicas de projeção (KANO, 2008, p.59). O primeiro é um golpe de perna e o segundo é um golpe de quadril.

a) *Osoto-gari* (grande rasteira externa) - Figura 9: o estudante avança com uma das pernas e fixa ela no chão ao lado do pé do colega e com a outra perna ele vai fazer um gancho na perna, projetando o colega ao chão. O outro colega não segura o *judogui* do seu amigo que o projetou, pois o que projetou estará segurando a manga do *judogui* do que caiu, assim não largando ele no chão. Para os estudantes que não tem a roupa do judô, eles irão colocar uma mão no pescoço do colega sem apertá-lo e a outra vai segurar o braço. O colega vai ser projetado para trás. Repetir 10 vezes.

b) *O-goshi* (grande arremesso com o quadril) - Figura 10: o estudante que vai projetar ficará de costas para o outro colega. Sem soltar a manga do *judogui* do estudante que vai ser projetado, ele abraça a cintura com a mão que estava segurando a gola, flexiona um pouco os joelhos e elevando os quadris ele projeta o colega para frente. O que foi projetado vai cair igual ao movimento anterior do *osoto-gari*. Repetir 10 vezes.

- Parte final 1 - Brincadeira: os estudantes vão realizar uma brincadeira chamada tubarão. Um estudante a escolha do *sensei* vai ficar no meio do *dojo* e os outros vão ficar juntos, longe do estudante que ficará no meio. Quando o pego disser “vai”, os outros tem que correr para o outro lado sem que sejam pegos. A brincadeira acaba quando o último é pego. Esta brincadeira foi feita para distraí-los quanto ao conteúdo técnico e proporcionar um momento de volta a calma ativa.

- Parte Final 2 - Conhecendo o Judogui: após a brincadeira, será apresentado o *judogui* para os estudantes, suas características, história e aprenderão a dobrá-lo (colocar a calça sobre o blusão, dobrar as mangas para dentro, dobrar as laterais do blusão e a calça para

dentro, dobrar a parte superior sobre a inferior e a faixa pode ser utilizada para prender o *judogui* dobrado) (Imagem 11 e 11.1).

- Parte Final 3 - Avaliação - reflexão sobre os conhecimentos e sobre as situações ocorridas durante a aula.

É verídico observar nas escolas públicas a falta de material e espaço para uma prática corporal. Vivenciei em minha vida como estudante de escola pública professores de Educação Física utilizando quadras que pertenciam as prefeituras de onde a escola estava localizada ou nem mesmo tinham uma quadra. Quanto aos materiais, a luta incessante dos professores era e é algo muito difícil até os dias atuais e por isso a adaptação com relação aos os materiais é visto em muitas escolas. Lutar pelos materiais e os espaços para a prática adequada da Educação Física não é algo pequeno como muitos entendem. Além dos professores, os estudantes merecem uma prática de qualidade em locais seguros e com materiais de qualidade.

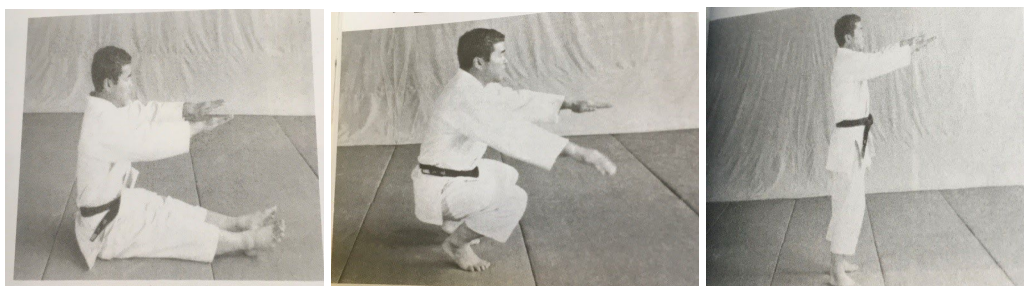


Imagem 5: acervo pessoal Imagem 6: acervo pessoal Imagem 7: acervo pessoal

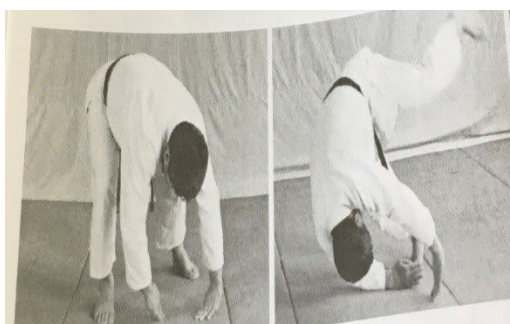


Imagem 8: acervo pessoal

O-SOTO-GARI

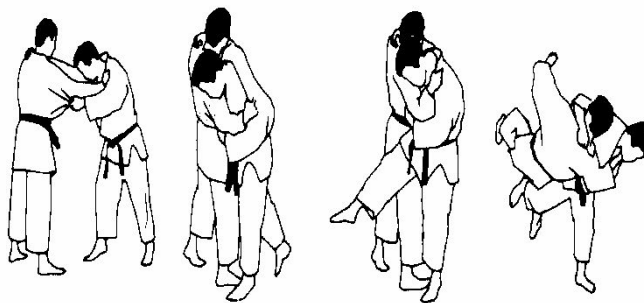


Imagem 9, ilustração do *o soto gari* Fonte: <http://gg.gg/figura9>



Imagem 10, ilustração do *o goshi*. Fonte: <http://gg.gg/figura10>



Imagem 11: acervo pessoal

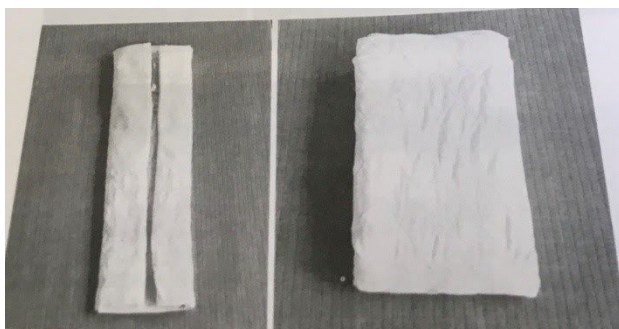


Imagem 11.1 :acervo pessoal

Quando consideramos uma aula dessa natureza no contexto escolar, em especial, da escola pública, deve-se indagar sobre: todos os estudantes terão um *judogui* ? A escola

possui um *dojo*? Quando pensei nessa aula, os objetivos eram: Vivenciar e aprimorar os golpes de projeção *o soto gari* e *o goshi*. (Re)conhecer a indumentária do judô (*judogui*). Refletir sobre os princípios filosóficos do judô e suas relações com a vida.

Não é necessário, no caso do *judogui* para fazer a aula. Uma possibilidade é ensinar como fazer os golpes sem precisar da roupa apropriada e sem utilizar a roupa que o colega está vestido. Para a parte do ensino da organização da roupa propriamente do judô, pode ser ensinada a habilidade de dobrar corretamente a roupa convencional. O judô está aliado a organização e essa organização pode ser a das próprias roupas em casa. É importante ensinar que os pertences pessoais devem estar sempre organizados para poder ajudar os responsáveis em casa e para seu aprendizado próprio. O ensino dos golpes em escolas onde há muito risco de machucar quando não tem um ambiente adequado e se tratando de crianças, é preferível utilizar plataformas com vídeos e imagens para que não haja falta de transmissão de conhecimento.

Quanto ao *dojo*, caso não se encontre um na escola, o espaço pode ser adaptado sem alterar o curso da aula e sem deixar os estudantes privados do conteúdo de lutas/artes marciais, ressignificar é necessário. Os estudantes não podem ficar sem um conteúdo importante da cultura corporal devido à falta de um espaço específico para a prática de lutas/artes marciais. Reinventar, reviver e desvendar novas formas de transmitir os conhecimentos dessa importante área da Educação Física se faz necessário dentro das escolas, principalmente quando estamos tratando das escolas públicas, onde ter um *dojo* às vezes não é uma realidade da escola, assim fazendo-se ao ar livre.

Visto que mesmo com a proposta de adaptar a prática à realidade dos estudantes dentro da escola, faz-se necessário uma organização dos professores de Educação Física para reivindicar uma melhor condição para a realização dos seus trabalhos dentro do ambiente escolar. Muitas vezes a situação é precária e os estudantes ficam isentos, sem necessidade, de muitas práticas corporais que poderiam ser lecionadas se tivessem os materiais necessários e o espaço adequado. A direção do colégio também não faz muita questão em diversas ocasiões de proporcionar ou até ajudar o professor de Educação Física na compra de algum material didático para os estudantes, pois para muitos essa matéria é apenas um tipo de “recreação” e nada mais. Essas reivindicações são feitas

diversas vezes somente pelo professor da escola em questão e não por um grupo de professores em grande escala que daria um engajamento maior se fosse feito.

Exemplo 2:

1. Objetivos: compreender a história do Japão articulada ao contexto do judô e à importância da etiqueta dentro e fora das aulas.
 2. Público alvo: 4º ano do Ensino Fundamental – 9 anos de idade;
 3. Local: *dojo* ou ambiente escolar adequado para a prática;
 4. Material: *judogui* (roupa do judô ou quem não tiver utilizar o uniforme da escola);
 5. Tema: Lutas/Artes marciais - judô
 6. Conteúdos: história do Japão na época da criação do judô e etiqueta dentro e fora do *dojo*.
7. Metodologia: primeiramente, iremos fazer o alinhamento, onde os estudantes estarão perfilados um ao lado do outro em ordem de graduação, pois no judô é tradição milenar que os judocas estejam em ordem de faixa (graduação) para que seja demonstrado quem é o mais experiente. Caso não tenha como ser alinhado por graduação, eles irão ser colocados em ordem de idade. Vamos cumprimentar e, logo após, vou explicar a aula

-Brincadeira inicial: para iniciar a aula, vou fazer uma brincadeira em que os estudantes terão que andar na posição de cachorro e pegar o colegas no pé. Para a escolha do primeiro pegador, irei escolher o mais velho. Ao iniciar, o estudante vai tentar pegar no pé dos colegas e a medida que ele for tocando os pés, eles também “tornam-se” cachorros.

-Para evoluir a brincadeira, já entrando no conteúdo de lutas/artes marciais, para poder pegar o colega terão que abraçar as pernas dele e derrubá-lo no chão. O pego ainda continua andando como cachorro, tentando derrubá-los no chão.

- Roda de Conversa: após a brincadeira, iremos sentar em roda ou ajoelhar para escutar os comandos do sensei. A proposta é um diálogo em pequenos grupos sobre as quais seriam as possíveis origens do judô (onde surgiu, como surgiu, porque surgiu), partindo daquilo que os estudantes trazem de conhecimentos e de suas dúvidas. Alguns estudantes mais velhos podem saber um pouco sobre a história e a filosofia, pois já aprenderam em algum momento, sendo

assim, se houver mais de um, tentarei separar eles com os menos experientes, para que eles possam ensinar.

Após um tempo de diálogo entre eles, irei pedir para que cada grupo esclareça pra mim quais foram as suas explicações, o que aprenderam com a conversa, se já sabiam e aprenderam mais, quais eram as opiniões deles sobre a época em que o judô foi criado ou antes disso.

Depois de ouvi-los, irei contar sobre a história do Japão naquela época, como era o estilo de vida dos japoneses, sendo que eles eram samurais e também mostraria imagens tiradas da internet para eles enxergarem como realmente eram os samurais. Os samurais eram muito presentes naquela época, pois eles precisavam defender seus pequenos grupos, chamados de feudos. O criador do judô uniu as diversas artes marciais de cada feudo naquela época para que ele criasse o judô. O ensino da criação do judô pode elucidar aos estudantes que o uso de armas, violência e guerras não é necessário para resolver conflitos , (JIGORO KANO, 2008). Esta pequena frase pode-se remeter a um dos aprendizados que o judô pode proporcionar, onde não seria necessário o uso da força sem necessidade e sem motivos. Uma vida com mais eficácia, ou seja, tentar sempre procurar formas em que a força seja o último recurso (ou nem seja utilizada).

Em seguida, eu abriria a palavra para eles, para que pudessem dar a opinião deles sobre os costumes daquela época. Feitas as explicações sobre a história do Japão, em seguida eu explicaria como foi a história do judô no Japão.

Após a roda de conversa, irei propor uma brincadeira para fazer alusão àquela época, onde cada feudo defendia seu território dos demais samurais de outros feudos:

-A brincadeira vai consistir em vários grupos divididos com os estudantes da turma. Eles irão proteger um tesouro que é um objeto determinado pelo professor. Com isso, cada grupo deverá também além de defender, tentar capturar o objeto do outro grupo. O grupo que capturar primeiro 3 tesouros, marca um ponto.

- Parte Final: para finalizar a aula, uma brincadeira para descontrair e revisar sobre o conteúdo da aula. Farei um jogo de perguntas e respostas onde cada grupo teria que responder no tempo que acharem necessário. A intenção não é de avaliar como prova ou teste, porém é verificar a aprendizagem dos conteúdos propostos. Ao finalizar a brincadeira, já ajoelhados

no alinhamento, eu perguntaria a opinião deles sobre a aula e se gostaram, o que mais gostaram.

Considero muito importante saber o retorno abrir a palavra para eles, para que eles possam se expressar e dar a opinião deles sobre o conteúdo que foi passado ou está sendo passado, formular pensamentos, ao mesmo tempo que possam aprender a fazer perguntas e a escutar aos colegas, e, para mim, como professor, é também um momento de avaliação do que foi apropriado e dos limites e possibilidades da metodologia proposta. Como deixei esclarecido durante todo o estudo, nós professores também aprendemos com os estudantes. Aprendemos a desenvolver cada vez melhor as nossas aulas para um patamar na maioria dos casos agradável, sem ser repetitiva, sem ficar somente repetindo gestos e movimentos técnicos sem valor que não façam sentido para os estudantes ou que não conheçam mais a fundo seus significados e contexto.

Estes dois exemplos de aula foram importantes para que seja demonstrado que o judô pode ser ensinado sendo baseado nas técnicas como foi feito na primeira aula e também ensinado baseado na história do Japão que foi onde tudo se iniciou com os samurais. Desse modo, é importante que os estudantes tenham possibilidade de experimentar a prática em um tipo de aula e a história em outra aula.

Em síntese, é possível perceber que o ensino do judô vai de resolver uma situação problema ao controle de ansiedade pelo gasto de energia durante uma aula, pois o praticante consegue devido ao cansaço esvaziar a mente e controlar a ansiedade focando em outro ponto que não lhe deixe ansioso. Vai de movimentos simples da ginástica a movimentos complexos que ajudam no fortalecimento dos músculos e na execução das projeções. E vai de parar para ouvir as orientações do professor e os colegas à deixar o chinelo organizado fora do *dojo* junto aos materiais pessoais. Os princípios filosóficos vão passando essas ações e precisam de ser explicados para as crianças e jovens. Em concordância com Trusz, Nunes e Balbinotti (2018), o judô é uma luta/arte marcial educativa por excelência, que permite à criança expressar-se plenamente no contexto lúdico, canalizando sua energia e reforçando seu caráter.

Para Orozimbo *et al* (2008), o judô é um rico conhecimento escolar. O judô pode entrar em concordância com o tratamento articulado que os conteúdos da Educação Física e outros

componentes curriculares devem ter, permitindo mais uma vez a compreensão, constatação e interpretação da realidade social pelos estudantes (SOARES *et al* 2013). Pode ser articulado com história, pois o judô é uma arte milenar e percorreu períodos críticos na história, como: período *Shogun* e Era dos Samurais no Japão. A historicização dos conteúdos do judô não compromete o ensino da luta/arte marcial, ao contrário, a enriquece. Os estudantes vão entender que o judô não é linear e que não se preocupa somente com as técnicas (técnico-competitivo). Essa luta/arte marcial nasce em um contexto histórico específico, onde mudanças radicais estariam sendo feitas no Japão. Antes do judô surgir, o Japão sofria com o isolamento geográfico, concomitantemente, não havia um bom desenvolvimento das tecnologias. Após o judô surgir, o Japão melhora o diálogo com outros países, supera o sistema feudal e deixa o isolamento geográfico (OROZIMBO *et al*, 2008). Assim, os estudantes conseguem ter uma visão histórica e reflexiva da prática, incitando-os à pesquisa e à dúvida que é um importante fator formador da escola.

Ainda segundo Orozimbo *et al* (2008), o judô pode ser ensinado de diversas formas fazendo alusão com a história do Japão e com tudo que aquele país passou. Como o judô foi importante para que a população daquela época pudesse compreender que a vida como a arte marcial não precisa ser violenta e se resumir sempre em guerras. Hoje o Japão tem uma população que é referência em muitos quesitos de educação cidadã, pois eles têm enraizado na cultura a importância da palavra respeito e acredita-se que o judô, entre outros vários fatores, possam contribuir com essa cultura.

Recentemente, foi visto na Copa do Mundo de Futebol realizada no Brasil (2014), japoneses juntando o lixo do estádio⁵. A cultura desse povo que, desde aquela época, como venho mencionando é devido a forte presença das artes marciais no dia a dia deles, pois eles vivem a filosofia do judô desde pequenos, ou seja, estão inseridos no ambiente do *dojo* aprendendo e vivendo a luta/arte marcial. A consciência de entender que se houver respeito em qualquer ocasião na vida, tudo flui. Respeito ao local que está presente, como foi visto no evento de futebol, pois os japoneses sabem que se não houver zelo aquilo um dia estraga e para poder utilizá-lo novamente é necessário cuidar do espaço onde eles estão. Isto faz parte da filosofia japonesa e do judô, ou seja, o zelo e o cuidado do local onde eles vivem é necessário.

É comum observar as pessoas que não vivem a prática do judô ou nunca praticaram, indagar sobre como é perigoso ou o quão é agressivo o judô esportivo, ou seja, o judô de alto rendimento e até se arriscam em dizer que mesmo sem ser de alto rendimento, é perigoso. Mulero (2015) explicitam que mesmo com todos esses aspectos competitivos proporcionados pelo judô, não se pode esquecer ou colocar de lado os princípios filosóficos que Jigoro Kano enfatizou durante toda sua vida para que o judô se tornasse o que ele é hoje.

Do mestre os judocas aprenderam que a arte marcial, em sua forma de combate ou na sua versão esportiva, não pode ser um fim em si mesmo ao qual se deve servir; pelo contrário, são as pessoas que devem servir-se da arte para tornarem-se melhores em sua condição pessoal e comunitária (MENDES; MULERO, 2015, p.60).

Como foi dito na citação anterior, a forma de combate ou a versão esportiva não pode ser o fim, pois há muito mais. Nas escolas, o receio dos professores, coordenadores e até das famílias em não oferecer aulas que tenham como base os conteúdos das lutas/artes marciais pode advir da visão de que são violentos ou incitam a violência, que vai deixar roxo, bater cabeça com cabeça, por exemplo. Uma das razões para o medo om intencionalidade pedagógica, baseado em disputas saudáveis e educativas.

As lutas/artes marciais nos proporcionam o contato direto com o outro e com a força física de cada um, muitas vezes não há como deixar o estudante privado disso. E é nesse ponto que entra o ensino das lutas/artes marciais a partir da articulação entre teoria e prática primeiro no campo teórico e depois devidamente na prática. É a partir desta relação que vai haver o ensino da filosofia, da história, ordem das graduações (ordem das faixas), da segurança e cuidado durante os movimentos, das intenções, do respeito ao lugar de prática, ao *sensei* e aos colegas.

Para tentar amenizar os receios do judô ou das lutas/artes marciais, o ensino pode contribuir sobremaneira. Ensinar para os estudantes que o olhar de violência para com essa modalidade, de fato, acontece por quem não conhece ou não teve experiências. Cabe ao professor, buscar “quebrar” esse olhar que os estudantes têm, ensinando-os que cuidar do outro colega durante a aula para que ele esteja saudável e forte para a aula seguinte é mais importante que aprender a projetar o outro no *dojo*, pois, não é possível praticar lutas/artes marciais sem os companheiros/companheiras de treino. Assim, é nítido que há o olhar de violência e brigas de

rua quando o assunto são as lutas/artes marciais, entretanto, cabe ao professor transmitir o que realmente são as lutas/artes marciais e o judô.

Para contribuir com a formação humana, o judô tem além de sua história, a filosofia aliada ao *dojo* que também é um local para aprendizados da filosofia, da história, da educação, da disciplina.

Os autores abaixo assim compreendem uma ligação do judô com a importância do *dojo*:

o professor de judô ocupa-se também de refletir sobre aquilo que o *dojo* ensina a esse praticante no sentido de boas influências formativas que melhorarão seu desempenho como cidadão. Assim procedendo, o professor estará revelando coerência com os ensinamentos históricos de Jigoro Kano, idealizador e criador do judô, que enfatizava seu tríplice aspecto: arte marcial, esporte, educação (MENDES e MULERO, 2018, p. 65).

É possível perceber que há opiniões distintas em relação ao ensino do judô. Segundo Freitas (1989), o *dojo* não é um lugar pra formação humana e nem de explorar a criatividade e espontaneidade da criança. Ainda sobre este mesmo autor, ele diz sobre o *dojo*: “[...] lá é um lugar de doutrina-ação” (Ibidem, p.38). O autor ainda realiza críticas às regras que são colocadas dentro da aula do judô:

Crianças de 04 a 10 anos quando adentram a prática do JUDÔ deparam-se com uma enormidade de "regrinhas", quase sempre fruto do apedeutismo professoral, um tanto equivocadas para o seu entendimento, uma vez que lhes escapa o conhecimento da conexão universal dos fenômenos (FREITAS, 1989, p.36)

Todavia, ao longo da presente monografia apresentei diversos estudos, além de experiências pessoais sobre as aulas de judô e estudos do próprio criador do judô sobre o desenvolvimento físico e mental do ser humano ao praticar o judô de forma regular. Talvez seja possível afirmar que esta compreensão limitada possa ter relação, também, com o ano em que foi publicado o estudo (1989), visto que não havia tanta circulação de informações a respeito do judô, da educação, formação cidadã, dos comportamentos sociais competentes, autocontrole, disciplina, respeito ao próximo e a saúde física e mental

Ao ler o texto de Freitas (1989) e me deparar com a palavra “apedeutismo”, que no dicionário tem como um de seus significados "ignorância", me pergunto: os professores que gostam de regras de boa conduta, civilidade e disciplina durante as suas aulas são desprovidos de conhecimento? Quando me inspirei a escrever este estudo sobre a arte do judô e de como ela

pode ser inserida no currículo escolar junto as lutas/artes marciais, lembrei que antes de eu começar o judô eu não tinha o conhecimento do que era a hierarquia durante uma aula, meus pertences na maioria das vezes eu os deixava bagunçados,

As regras que os professores de judô ou professores do ensino regular podem vir a colocar em suas aulas não deveriam ser para atingir o estudante de uma forma agressiva. As regras estão ali para serem construídas, entendidas, questionadas, seguidas e dialogadas. É a partir daquelas regras que o professor ou professora vai conseguir ensinar para o estudante que ele precisa entender o momento certo para falar, a hora certa para sair e beber água, pedir com licença ao entrar na sala, falar por favor, se desculpar, respeitar os colegas, desenvolver a consciência de seu papel e dos professor.

As “regrinhas” que são ensinadas na aula de judô e que podem ser utilizadas no ensino regular, não foram feitas para retirar do estudante o direito dele de se expressar, despertar sua imaginação, vivenciar suas experiências e compartilhá-las com o professor, pois como foi elucidado ao longo estudo, ele não pode agir da forma que ele bem entender em um local onde há um professor e este quer ensinar algo. O estudante aprendendo a respeitar a autoridade que é o professor durante a aula pode melhorar o seu aprendizado e melhorar a transmissão de conhecimento do professor para os estudantes. Assim, é necessário que haja o respeito à essa regra, pois é diante dela que a convivência durante a aula irá melhorar para o professor e os estudantes.

Como refletiu Rufino (2012, p.125):

Para compreender a própria prática, a pedagogia não pode ser centrada em condutas rígidas que desconsiderem as subjetividades dos indivíduos. Não pode ser uma prática alienante, muito pelo contrário, precisa ser uma prática que leve à criatividade. Mais importante do que ter a dimensão atitudinal “pregada na parede” ou “objeto de utilização durante os momentos de descanso”, ela precisa percorrer todos os processos de ensino e aprendizagem, possibilidades que a prática educativa leve os alunos à emancipação e transformação de suas próprias realidades.

O estudante vai entender a partir do ensino do judô que deve haver respeito com relação aos mais velhos, pois dentro do *dojo* ele aprende que os mais graduados ou os mais velhos ou experientes podem lhe transmitir conhecimentos e experiências de vida importantes. Como foi dito na minha introdução, uma das palavras que eu agradeço ao meu professor de judô ter me ensinado é a palavra “não”. Às vezes ela pode soar um pouco rude e grosseira, no entanto,

o professor sabe que aquele “não” na hora certa vai fazer o estudante crescer e ter a maturidade de entender que nem tudo em sua vida vai haver um “sim”. E é aonde o ensino da perseverança também pode ser citado, pois se a vida por algum motivo disse não à pessoa, ela tem a opção de cair e continuar no chão ou de levantar e continuar a luta. É assim no judô, é assim na vida.

O processo de ensino-aprendizagem do judô pode ser feito de variadas formas, trataremos aqui de um caminho ou uma possibilidade para o professor de Educação Física lecionar em suas aulas sobre lutas ou sobre o próprio judô articulando movimentos com aspectos filosóficos e históricos, baseado no estudo de Orozimbo *et.al* (2008):

- a. História: a história e os momentos críticos que o Japão sofria na época em que o judô foi criado. O que se praticava antes do judô e das outras artes marciais japonesas e quais as implicações que essa outra arte causava no ser humano. Trazer uma abordagem histórica do judô ou de outras lutas/artes marciais. Ele destaca em seu texto que é necessário a captação dos movimentos do judô na sua história. O judô não é pura e simplesmente a técnica aplicada, passando pelas técnicas mais simples às mais complexas, mas sim uma área de estudos extensa e com conteúdos que contribuem para uma melhor visão do mundo;
- b. Filosofia: como o criador de cada arte marcial queria que sua arte fosse transmitida aos estudantes. O que há por detrás das técnicas e seus significados. Como reverenciar o seu colega ao iniciar uma aula na respectiva luta/arte marcial. Os axiomas (princípios) criados;
- c. Gênero: mulheres na prática e o preconceito. Principais referências femininas nas lutas/artes marciais.

As lutas/artes marciais são importantes para o currículo do estudante, independente da situação social, financeira e se a escola é pública ou particular. Todos os estudantes têm direito à uma educação de qualidade, acesso à cultura, à pesquisa. Os estudantes têm direito a experiências de qualidade e que vão agregar ao longo de suas vidas. As lutas/artes marciais fazem parte do currículo e são importantes para a formação humana do estudante.

Conforme a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1996) faz parte do direito à educação, entre outros aspectos:

II -liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber;

IV -respeito à liberdade e apreço à tolerância;

XI - vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais.

XIII - garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida.

Percebe-se, então, que o processo de ensino-aprendizagem das lutas/artes marciais não se trata de brigas de rua ou violência, mas se trata de superação, luta pelo espaço, como no caso das mulheres, oportunidade de seguir um caminho de paz e respeito, ensinar a história, os golpes e as defesas de golpes, proporcionar o contato físico entre os estudantes, ensinar o cuidado com o próximo, aprender e discutir regras de convivência, aprender a etiqueta dentro e fora do *dojo* e aprender a cair e levantar no *dojo* e na vida. É notório saber que por vezes esses conhecimentos não são apresentados aos estudantes e isso, uma das razões, além da falta de formação e o preconceito, é devido a uma não apropriação de uma forma completa das lutas/artes marciais nos documentos curriculares.

O objetivo deste item foi refletir sobre os princípios históricos e filosóficos apresentados articulando-os com a relação professor-aluno, espaço, rituais e aspectos metodológicos do judô a partir do referencial teórico e das minhas vivências como judoca e prática pedagógica como professor (*sensei*). Foram apresentadas diversas evidências teóricas e evidências das minhas práticas sobre a importância e sobre a grande potencialidade que as lutas/artes marciais, em especial o judô, tem para contribuir com a formação integral do estudante

O item também discutiu a importância de se ressignificar as lutas/artes marciais e em especial o judô. Vivemos em uma época em que as atividades não devem mais ser voltadas à busca pelo treinamento e desempenho esportivo quando tratamos do componente curricular Educação Física e seus conhecimentos. A maneira ortodoxa e tradicional do judô não faz sentido para o ambiente escolar, pois os estudantes para terem uma vivência significativa e agradável, o professor deve procurar ensinar e explicar o porquê daqueles movimentos a serem feitos, a história, a filosofia, as regras. Como aquilo surgiu, como foi feito, por quem foi feito, para que foi feito, onde foi feito. Isto incita dúvida nos estudantes, faz com que eles reflitam sobre os assuntos que a luta/arte marcial proporciona, como: estou respeitando meus

professores durante as aulas? Eu precisava ter falado rude daquela forma? Eu poderia ter sido mais gentil? As guerras são realmente necessárias para resolver conflitos?

Desse modo, nesse capítulo foram apresentadas evidências da minha atuação como professor (*sensei*) e das abordagens teóricas sobre como o judô pode contribuir para a formação do estudante. Porém, para o professor contribuir com a formação do estudante, ele precisa ressignificar os ensinamentos do judô ou de qualquer prática de luta/arte marcial. O ensino mudou e com as mudanças não temos um porquê para exigir dos estudantes a perfeição em determinado movimento. Deve-se, com relação a prática, transmitir os significados por trás daqueles movimentos, de onde vieram, o que pode ser feito com eles ou quem pode fazer.

Considerações finais

Diante do exposto, o objetivo geral deste estudo foi compreender como as lutas/artes marciais têm sido tratadas como conteúdo da Educação Física Escolar. E como objetivos específicos: a) identificar e analisar se e como as lutas/ artes marciais tem sido contempladas em currículos de Educação Física Escolar, em especial, os currículos em vigor em âmbito federal e da Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF); b) compreender os aspectos históricos e princípios filosóficos do judô e apontar possibilidades pedagógicas dessa luta/arte marcial para a Educação Física escolar.

A análise detalhada dos documentos curriculares de âmbito nacional, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e distrital, o Currículo em Movimento, demonstrou que os conteúdos relativos ao tema lutas/artes marciais nos currículos de Educação Física Escolar ainda não são devidamente contemplados. Observando o conjunto dos documentos, foi ainda possível identificar que há uma discrepância com relação a este tema nas diferentes fases e etapas da Educação Básica.

A Educação Infantil, nos documentos que contém esta etapa que são BNCC e Currículo em Movimento, não apresentou nenhuma menção às lutas/artes marciais nos conteúdos propostos. No caso do Ensino Fundamental, quando comparados os Anos Iniciais com os Anos Finais, foi possível observar que a etapa final nos três documentos analisados contempla de forma mais detalhada os conteúdos relativos às lutas/artes marciais, exceto no documento sobre a BNCC, que garante aos estudantes do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental experimentar diversas manifestações de lutas. Já no Ensino Médio, as lutas/artes marciais são apenas citadas nos documentos, mas não há quaisquer indicações dos possíveis conteúdos ligados a este tema. Por fim, na Educação de Jovens e Adultos, especificamente o Currículo em Movimento, já que BNCC e PCNS não tratam sobre esta modalidade de ensino, não há menção alguma às lutas/artes marciais.

Portanto, os documentos curriculares referentes aos Anos Finais do Ensino Fundamental, tanto em âmbito nacional quanto distrital, foram os que mais contemplaram às lutas/artes marciais, apontando possibilidades de conteúdos. Tais dados suscitaram algumas questões, que não foram o foco da presente pesquisa, mas que considera-se importante para futuras investigações, quais sejam: Por que o tema lutas/artes marciais e seus conteúdos são mais abordados nos Anos Finais do Ensino Fundamental? Quais os possíveis motivos de não ter esses conteúdos devidamente detalhados, na Educação Física Escolar, nas demais fases e etapas da Educação Básica? São questionamentos a se fazer se tratando de documentos que norteiam a educação em âmbito nacional e distrital e é importante que esses documentos sejam analisados para que futuramente sejam atualizados. Desse modo, percebi o quão é necessário uma atualização desses documentos, por um lado, para ampliar as possibilidades da Educação Física Escolar e apresentar o que as lutas/artes marciais podem oferecer para os estudantes, contribuindo com a formação humana, como, por outro lado, porque tais documentos são referências para os estudantes em sua formação inicial como professores, como os docentes que já atuam nas escolas em sua formação continuada.

Discutir sobre as lutas/artes, e mais especificamente o judô dentro do ambiente escolar não é simples, há muito o que explorar dentro desse assunto e diálogo e formação são fundamentais. As lutas/artes marciais, incluindo o judô, ainda são muito discriminadas no meio social, pois ainda é muito falado que elas podem incitar às pessoas ao ato de brigar e a praticar violência. A falta de orientação, exposição e imersão à ideias desse assunto fazem

com as conclusões sejam precipitadas ou mal formuladas. Antes do judô fazer parte da minha vida, eu não tinha nenhuma visão do que poderia ser uma luta/arte marcial e poderia, se não tivesse praticado, simplesmente pressupor que o ato de brigar seria “lutar”.

O judô, além das técnicas de luta, se mostra muito rico com a sua filosofia, história e na criação de um estilo de vida a ser seguido. Essa luta/arte marcial não abrange somente o campo prático como visto ao longo desse trabalho, o judô ensina, de forma articulada à vivência, valores como respeito, disciplina, hierarquia. O respeito, a disciplina e a hierarquia não trata-se aqui do estudante se submeter a exercícios extenuantes ou até submeter a se tarefas sem nenhum sentido pedagógico. O judô tem o potencial de ensinar ao estudante a respeitar os mais velhos, a ouvi-los com atenção, pois pelo tempo vivido, eles tem muito a ensinar sobre as experiências que tiveram. Ensina a respeitar a pessoa que está transmitindo o conhecimento naquele momento, que é o sensei (professor), porque se ele não estivesse ali não haveria ninguém para ensiná-los e isso vale também para as salas de aula com professores do ensino regular. A disciplina ensinada é a de cumprir com as tarefas do seu dia a dia, como: deveres de casa, organização dos pertences pessoais, auxiliar os pais/responsáveis em casa seja qual for a tarefa, estudar as matérias da escola, cuidar da saúde. E a hierarquia de entender que existe uma pessoa ali mais velha e mais capacitada para ensinar o judô e também na sala de aula com o professor. Não é usar da hierarquia para ser autoritário, mas sim de mostrar que existe ali uma autoridade que precisa ser respeitada, pois está ali buscando cumprir seu papel de transmitir conhecimentos. Portanto, nesse trabalho, apresentar o judô buscando destacar seus princípios filosóficos, históricos e aspectos técnicos não somente como uma luta foi de suma importância para que o entendimento sobre essa importante prática corporal seja também valorizada como meio de transmitir valores importantes para a vida de uma pessoa.

A presente pesquisa deixa algumas questões para investigações e estudos posteriores acerca das lutas/artes marciais como conteúdos da Educação Física Escolar, quais sejam: A insegurança do professor de Educação Física impede a transmissão de conhecimentos das lutas/artes marciais? A falta de imersão na prática das lutas/artes marciais torna-se um impedimento? O medo do professor em provocar acidentes durante a aula torna-se também um percalço para lecionar as lutas/artes marciais na aula? A falta de aporte teórico sobre as lutas/artes marciais causa impedimento ao professor de Educação Física? Os documentos curriculares de âmbito nacional e distrital, quando deixam a desejar em sua maioria quanto às

lutas/artes marciais, acabam por estimular os professores de Educação Física na escola a não abordar essa prática corporal?

A ideia inicial desse trabalho era que fosse uma pesquisa de campo, onde não foi possível em decorrência da pandemia de Covid-19, que impossibilitou a ida nas escolas. Sem a ida ao campo, optou-se por recorrer a estudos em artigos científicos da área bem como os documentos curriculares da Educação Física Escolar. Analisar os documentos curriculares foi importante para identificar os avanços e as lacunas no campo dos currículos da Educação Física Escolar. Como lacuna, tem-se a necessidade de contemplar as especificidades das lutas/artes marciais em todas as fases e etapas da Educação Básica. Como avanço, é importante reconhecer que as lutas/artes marciais, de fato, se configuram como um dos temas da Educação Física Escolar, mesmo que quando somente mencionadas, no entanto, elas precisam de ser melhor contempladas tendo em vista que os documentos impactam na formação inicial e continuada de professores de Educação Física e na formação integral dos estudantes das escolas.

Compreendo que este trabalho pode contribuir com o fortalecimento da produção acadêmica sobre o tema lutas/artes marciais, em especial, no contexto escolar, já que ainda há poucos trabalhos com relação a este tema. Desse modo, contemplar a história e a filosofia do judô também fortaleceu a produção acadêmica sobre o tema lutas/artes marciais, pois demonstra a importância de apresentar detalhadamente uma das mais antigas práticas corporais.

Referências

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**/ Miguel G.Arroyo. - 5.ed. - Petrópolis,RJ: Vozes, 2013.

BARROS, A. M.; GABRIEL, R. Z. Lutas. In: DARIDO, S.C. (Org.). **Educação física escolar: compartilhando experiências**. São Paulo, Phorte, 2011.

RODRIGUES, Aneleyce *et al.* Base Nacional Comum Curricular: análise de tendências e lacunas da produção acadêmica no Brasil. *Movimento - Revista de Educação, Niterói, ano 6, ed. 11, p. 185 - 207, 2019.*

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular. Brasília:** MEC,2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNC_C_20dez_site.pdf. Acesso em: 30 de agosto de 2019;

BRASIL. MINISTÉRIO DO ESPORTE. **I Seminário Lutas e Artes Marciais dimensões educacionais e formação humana**. Rio de Janeiro: Gráfica e Editora, 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

BRASIL. LEI Nº 9394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996, ART.3º. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm . >. Acesso em: 25 de maio. 2020;

BRACHT, Valter. **Aprendizagem social e Educação Física**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRATCH, Valter; CAPARROZ, Francisco Eduardo. O tempo e o lugar de uma didática da educação física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas*, v. 28, n. 2, p.21-37, jan. 2007.

BROUSSE, Michael. **Culture of Judo**. IJF Academy, Malta, [2016 ou 2019]. Disponível em: <https://academy.ijf.org/> Acesso em: 21 jun. 2019.

BROUSSE, Michael. **History of Judo**. IJF Academy, Malta, [2016 ou 2019]. Disponível em: <https://academy.ijf.org/> Acesso em: 29 jun.201.

CARREIRO, E. A. Lutas. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Org.). **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 244-261.

CORDEIRO JÚNIOR, Orozimbo; FERREIRA, Marcelo Guina; RODRIGUES, Anegleyce Teodoro. Evolução Sócio- Histórica do Judô: primeiras aproximações. *Revista da Educação Física/ Uem, Maringá*, v. 10, p.13-21, 6 abr. 2008.

CORREIA, Walter Roberto; FRANCHINI, Emerson. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. *Motriz. Revista de Educação Física. Unesp, [s.l.]*, v. 16, n. 1, p.1-9, 19 nov. 2009. *UNESP - Universidade Estadual Paulista*.
<http://dx.doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n1p01>;

DEL PRETTE, Z.A.P., & Del Prette, A. (2011). **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. 5ª edição. Petrópolis-RJ: Vozes;

DEL VECCHIO, F. B.; FRANCHINI, E. **Lutas, artes marciais e esportes de combate: possibilidades, experiências e abordagens no currículo da educação física**. In: SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. (Org.). *Formação profissional em educação física: estudos e pesquisas*. Rio Claro: Biblioética, 2006. p. 99-108;

DESCICLOPÉDIA.(Ed.). Queimada. 2019. Disponível em:
<<https://desciclopedia.org/wiki/Queimada>>. Acesso em: 19 set. 2019;

DICIO. Significado da palavra “harmonia”. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br>>. Acesso em: 22/09/2020

DRIGO, Alexandre Janotta. Lutas e escolas de ofício: analisando o judô brasileiro. *Motriz-revista de Educação Física. Rio Claro: Univ Estadual Paulista-unesp, Inst Biociencias*, v. 15, n. 2, p. 396-406, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/40624>>

FREITAS, Francisco Mauri de Carvalho. Judô: Crítica Radical. *Motrivivência, Universidade Federal de Santa Catarina*, p.35-43, jun. 1989.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de Pesquisa. *Revista Ufgrs, Rio Grande do Sul*, p.31-34, 2009.

GRAUS, **Comissão Nacional de. Regulamento de outorga de faixas**. 2018. Disponível em: <https://cbj.com.br/painel/arquivos/normas_e_regulamentos/102518260318regulamento-outorga-de-faixa_2018.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2019.

JAGIETTO, W.; DORNOWSKI, M. Martial arts in the opinions of students at the Faculty of Physical Education. *Archives of Budo, Varsóvia*, v. 7, no. 2, p. 55-59, 2011.

KANO, Jigoro. **Judô Kodokan/Jigoro Kano**. (publicado sob a supervisão do Kodokan Editorial Committee; traduzido por Wagner Bull). São Paulo: Cultrix, 2008.

LAGE, Victor; GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Karatê-Do como própria vida. *Motriz, Rio Claro*, v. 13, n. 1, p.33-42, 06 ago. 2007.

LANÇANOVA, Jader Emilio da Silveira - **Lutas na Educação Física Escolar: alternativas pedagógicas**. 2006. 70 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade da Região da Campanha, Alegrete, 2006. Disponível em <https://sites.google.com/site/lutasescolar/lutas_na_educ_fis_escolar.pdf/ Acesso em:05/09/201.

MENDES, M.r.; MULERO, A.u.m.. O Judô e a Formação Cidadã. *Revista de Educação do Cogeime, [s.l.]*, v. 24, n. 47, p.59-68, 30 dez. 2015.

<http://dx.doi.org/10.15599/2358-9299/cogeime.v24n47p59-68>.

MENGA, Ludke; MARLI, André A.d.e.. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.

NASCIMENTO, P. R. B.; ALMEIDA, L. A tematização das lutas na Educação Física Escolar: restrições e possibilidades. *Movimento, Porto Alegre*, v. 13, n. 3, p. 91-110, set./dez. 2007.

NUNES, Alexandre Velly. **História do judô**. Rio de Janeiro: Confederação Brasileira de Judô, . Disponível em: <http://www.cbj.com.br/historia_do_judo/>. Acesso em: 8 abr. 2019;

ROSA, Icracir; MIURA, Takeshi; SOBRINHO, Aloísio da Costa Short; SOGABE, Michiharu; DE LIMA , **Denis Medeiros**. Regulamento Para Exame e Outorga de Faixas e Graus. 2. 2. ed. Rio de Janeiro: Confederação Brasileira de Judô, 2018. Disponível em: https://cbj.com.br/painel/arquivos/normas_e_regulamentos/102518260318regulamento-outorga-de-faixa_2018.pdf. Acesso em: 10 jul. 2020.

RUFINO, L. G. B.; DARIDO, S. C. A separação dos conteúdos das “lutas” dos “esportes” na Educação Física escolar: necessidade ou tradição? *Pensar a Prática, Goiânia*, v. 14, n. 3, p. 117, set./dez. 2011.

RUFINO. Luiz Gustavo Bonatto. **A Pedagogia das Lutas: caminhos e possibilidades**. Jundiaí, Paco Editorial: 2012.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto; DARIDO, Suraya Cristina. O ensino das lutas nas aulas de Educação Física: análise da prática pedagógica à luz de especialistas. *Revista da Educação Física/uem, [s.l.]*, v. 26, n. 4, p.505-518, 25 out. 2015. Universidade Estadual de Maringá. <http://dx.doi.org/10.4025/reveducfis.v26i4.26441>;

SANTOS, Gisele F. de L. **Jogos Tradicionais e a Educação Física**. Londrina: EDUEL, 2012.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, **Carmen Lúcia**. **Educação física: raízes européias e Brasil**. 3. ed. Campinas: Campinas: Autores Associados, 2004.

SOARES, Carmen *et al.* **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 2013.

SO, Marcos Roberto; MARTINS, Mariana Zuaneti; BETTI, Mauro. As relações das meninas com os saberes das lutas nas aulas de Educação Física. *Motrivivência, Florianópolis*, v. 30, n. 56, p. 29-48, dez. 2018.

SHINOHARA, M. **Manual prático de Judô Vila Sônia**. 3. ed. São Paulo: Shinohara, 1982;

TAVARES, Raquel Nunes; GARCIA, Lênin Tomazett; RODRIGUES, Anegleyce Teodoro. BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR E EDUCAÇÃO FÍSICA: análise de tendências e lacunas da produção acadêmica no Brasil. **Movimento-Revista de Educação**, Niterói, v. 11, p. 185-207, dez. 2019.

TRUSZ, Rodrigo Augusto; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. A prática do judô e o desenvolvimento moral de crianças. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, São Paulo*, v. 3, n. 2, p.117-135, dez. 2010.

TRUSZ, Rodrigo Augusto; NUNES, Alexandre Velly; BALBINOTTI, Carlos Adelar Abaide. A prática do judô e a promoção de comportamentos socialmente competentes de crianças. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, Brasília*, v. 8, n. 2, p.64-75, out. 2018.

VAGO, Tarcisio Mauro. **O "esporte na escola" e o "esporte da escola": da negação radical para uma relação de tensão permanente. um diálogo com Valter Bracht.** *Movimento*, v. 3, n. 5, p. 4-17, 22 dez. 1996. <http://dx.doi.org/10.22456/1982-8918.2228>.

VILLAMÓN, M. & Brousse, M. (2002). **El judo como contenido de la educación física escolar.** In J. L. Castarlenas & J. P. Molina (Eds.), *El judô en la educación física escolar: unidades didácticas* (pp. 11-28). Barcelona: Editorial Hispano Europea.

VIRGÍLIO, S. **A arte do judô.** 3ª.ed. Porto Alegre: Rigel, 1994.